

adf

AFRICA DEFENSE FORUM

CONSTRUINDO CAPACIDADE

O Ensino, a Formação
e o Equipamento para a
Segurança do Amanhã



PLUS

Forjadas no Fogo: Nações Lutam Contra a COVID-19 Com Experiência

VISITE-NOS ONLINE: ADF-MAGAZINE.COM



reportagens

8 Forjadas no Fogo

As experiências das nações africanas em pandemias anteriores ajudam-nas a enfrentar a ameaça da COVID-19.

14 Lições de uma Pandemia

À medida que a COVID-19 assola o mundo, a Libéria pode oferecer conhecimentos a partir da sua experiência na luta contra o Ébola.

20 'Cães Treinados' Enfrentam Caçadores Furtivos

Cães altamente treinados estão a rastrear o contrabando, proteger a fauna bravia e salvar vidas.

28 Preparando-se para a Segurança do Amanhã

A Cimeira das Forças Terrestres Africanas desafia líderes militares a olharem para o futuro.

34 Preservando uma Tradição de Manutenção de Paz

Etiópia traz sete décadas de experiência para um centro de formação de apoio à paz.

38 Acesso ao Porto — Com uma Vantagem

Um acordo global luta contra a pesca ilegal impedindo que os prevaricadores desembarquem o produto da sua pilhagem.

44 Ensinando os Guerreiros do Amanhã

As instituições de ensino profissional militar devem imprimir reformas para atender aos novos desafios de segurança.

50 Resolvendo o Problema de Carência de Meios Aéreos

Os países podem fazer parcerias para desenvolver frotas regionais de transporte militar.

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

26 Batimento Cardíaco Africano

56 Cultura e Desporto

58 Perspectiva Internacional

60 Defesa e Segurança

62 Caminhos da Esperança

64 Crescimento e Progresso

66 Retrospectiva

67 Onde Está?



**A Africa Defense Forum
está disponível online.**

Por favor, visite-nos em:
adf-magazine.com



NA CAPA:

Soldados envolvidos numa variedade de actividades de capacitação, incluindo a luta contra a caça furtiva, aperfeiçoamento do equipamento, trabalho de sala de aula e treino de campo.

ILUSTRAÇÃO DA ADF



Se 2020 ensinou alguma coisa à África — e ao mundo —, é de que é crucial estar preparado para tudo.

Isso significa olhar para o horizonte ameaçador e estar preparado para aquilo que vier. Também significa pensar em possibilidades ainda não vistas e preparar-se para elas. O ano mostrou que as ameaças vêm em todos os formatos e tamanhos, vistos e não vistos. Se estas ameaças têm algo em comum, é de que elas precisam de uma resposta coordenada para garantir o bem-estar e a segurança.

As ameaças deste ano também ensinaram uma outra coisa: as nações africanas aprenderam das suas experiências a construir instituições, capacidade e conhecimento eficazes para ir ao encontro de um conjunto de desafios de segurança. Em nenhum outro lugar isto é mais evidente do que na resposta do continente para a doença do coronavírus, conhecida como COVID-19.

Com as lições da crise do Ébola da África Ocidental de 2014-2016 ainda frescas nas suas mentes, agora os líderes africanos da saúde, da política e da segurança estão a levantar-se para enfrentar o desafio da COVID-19.

As infra-estruturas deixadas após o surto do Ébola e da luta contra doenças como tuberculose e HIV/SIDA forneceram um quadro para respostas e testagem na República Democrática do Congo, Libéria, Nigéria e África do Sul. A União Africana e as comunidades económicas regionais também se anteciparam para soar o alarme sobre o potencial mortífero da COVID-19.

Em meio a esta pandemia mundial, a África não esteve isenta de outras ameaças. A caça furtiva, que alimenta um comércio global lucrativo, continua a ocorrer. Mas nações como o Quênia, a África do Sul, a Tanzânia e o Zimbábue encontraram sucesso no uso de cães treinados para deter, rastrear e apreender caçadores furtivos que perseguem e abatem os tesouros da fauna bravia do continente.

Nas águas territoriais da África, embarcações internacionais de pesca provenientes da China, Rússia e outros lugares roubaram quantidades incalculáveis de peixe de que dependem os pescadores artesanais. Uma ferramenta, o Acordo sobre Medidas dos Estados do Porto, está a ganhar apoio entre as nações costeiras africanas e limita ou recusa o acesso ao porto para aquelas embarcações que pescam à margem das regras. Autoridades portuárias e outras autoridades marítimas na Libéria e Serra Leoa participaram separadamente numa formação em matérias relacionadas com as disposições do acordo, em Fevereiro de 2020.

Talvez o mais importante é que profissionais de segurança africanos continuam a reunir e trocar ideias e experiências em fóruns como a Cimeira das Forças Terrestres Africanas, que decorreu este ano em Adis Abeba, Etiópia, e em instituições de educação militar profissional. Estas arenas irão ajudar a forjar a abordagem de África para os desafios do futuro.

Não se pode impedir as dificuldades, mas pode-se enfrentá-las. As nações africanas estão a demonstrar a sua vontade e capacidade de confrontar os desafios — juntas.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Um soldado nigeriano mede a temperatura de um visitante no Hospital de Referência 68, do Exército Nigeriano, em Yaba, Lagos.

AFP/GETTY IMAGES



CONSTRUINDO CAPACIDADE

Volume 13, 3º Trimestre

COMANDO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme for necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

Poucos Podem Fazer a Guerra; uma Aldeia Deve Edificar a Paz

O General Adem Mohammed, chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa Nacional da Etiópia, falou durante a cerimónia de abertura das Cimeiras das Forças Terrestres Africanas, uma cimeira co-organizada pelo Exército Africano dos Estados Unidos, em Adis Abeba, no dia 18 de Fevereiro de 2020. O seu discurso foi editado para se adequar a este formato.



EXÉRCITO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS



África é hoje uma região de importância estratégica. Os super-poderes globais mili-

tares estão a expandir a sua presença no continente. Terrorismo, grupos extremistas, traficantes, piratas, agentes do crime organizado e outros actores não tradicionais de segurança procuram estabelecer uma base e são um desafio ao nosso ambiente de segurança.

As ameaças complexas são diversas e não têm limites. Elas atravessam fronteiras e põem em risco a segurança regional e internacional. A complicar estas dinâmicas estão as mudanças climáticas e os anseios de todos os povos por justiça económica e social.

Estes desafios requerem cooperação militar bilateral e multilateral, uma compreensão do ambiente de segurança e uma confiança entre líderes militares.

O envolvimento de líderes seniores é importante no desenvolvimento e na manutenção da confiança entre os países. Tal como disse o Primeiro-Ministro etíope, Dr. Abiy Ahmed, enquanto aceitava o seu Prémio Nobel da Paz, em 2019, é um ditado partilhado entre muitas línguas africanas, "Para que você tenha uma noite tranquila, o seu vizinho também deve ter uma noite tranquila."

O tema desta cimeira é "A segurança do amanhã exige liderança de hoje". A Cimeira das Forças Terrestres Africanas traz líderes de todo o continente para discutir questões de interesse comum e utilizar uma abordagem colaborativa para confrontar questões de segurança regionais e continentais. Esta cimeira é uma oportunidade para que os líderes militares explorem a importância de desenvolverem as instituições de defesa do amanhã para treinar profissionais e líderes militares responsáveis.

Espero que a nossa discussão destaque a importância de esforços colectivos de modo a alcançarmos o nosso objectivo comum de um continente africano seguro, estável e próspero. É necessário poucos para fazer a guerra, mas é necessário que haja uma aldeia e uma comunidade de nações para edificar a paz. Sendo assim, é importante que os países africanos trabalhem juntos na manutenção da paz continental. As ameaças à segurança não têm fronteiras e nenhum país devia lutar sozinho contra as ameaças não tradicionais contra a segurança.

Os desafios da segurança do continente africano não podem ser abordados apenas com recurso a um poder forte ou militar. Os governos devem criar sinergias, convergência e trabalho de equipa no domínio do desenvolvimento económico e de segurança para o benefício do povo africano.

'Robocop' Tunisino Faz Cumprir o Lockdown Durante a Pandemia da COVID-19

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O Ministro do Interior da Tunísia destacou um polícia robot para patrulhar as ruas da capital e fazer cumprir o lockdown imposto em Março de 2020, cujo objectivo é ajudar o país na luta contra o alastramento da COVID-19.

Conhecido como PGuard, o 'robocop' é operado remotamente e equipado com câmaras com infravermelhos e imagens térmicas, além de um sistema de alarmes bom e leve.

O criador tunisino do robot, Anis Sahbani, disse que a primeira máquina foi produzida em 2015 para levar a cabo patrulhas de segurança. Ele também opera de forma autónoma através da inteligência artificial.

O robot, construído pela Enova Robotics de Sahbani, custa de 100.000 a 140.000 dólares e tem estado a vender principalmente fora do país para empresas que o usam para fins de segurança. Muitos robots foram doados ao Ministério do Interior.

O robocop usado na Tunísia tem sido um destaque nas redes sociais onde usuários fazem postagens de filmagens da máquina em acção em várias partes da capital.

Pode ser ouvido repetindo mensagens gravadas chamando os cidadãos a "respeitar a lei... e ficar em casa para limitar a propagação [do vírus] e salvaguardar vidas humanas."



Cavalos Passam pela República Centro-Africana de Novo

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Um cavalo alazão apareceu nas ruas poeirentas de Bangui, cavalcando entre os carros esmagados, motocicletas-táxi e edifícios a desmoronar. O cavaleiro é uma figura bem conhecida da capital da República Centro-Africana (RCA): Soumaila Zacharia Maidjida, apelidado de "Dida," é um antigo atleta que estabeleceu um recorde nacional de 800 m nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992.

Ele é um cavaleiro de mão-cheia na RCA, um país cuja pobreza, clima e guerra fazem com que seja um dos ambientes menos amigáveis para o hipismo no mundo.

"Todos conhecem o Dida," disse o cavaleiro. "Quando os ministros e os chefes querem sair de cavalo, é comigo que eles vêm ter."

Dida sonha criar um centro hípico, mas admite que a visão está muito longe. Ele trabalha como guarda para ajudar a alimentar os seus animais.

Os cavalos têm uma história conturbada na RCA, um país sem costa marítima que ganhou a independência da França em 1960. Muitas pessoas aqui associam os cavalos aos saqueadores, que atravessam as fronteiras a cavalo, vindos do Chade ou Sudão. Os cidadãos mais velhos, no entanto, lembram-se de Jean-Bedel Bokassa, um déspota amador de cavalos que, em 1977, foi coroado Imperador.

Bokassa tinha uma carruagem feita de bronze e ouro, que foi enviada da França para passear pelas ruas de Bangui. Numa ocasião trágica, dois dos cavalos morreram de insolação debaixo do impiedoso sol tropical. Bokassa importou centenas de cavalos durante o seu tempo e até chegou a fundar uma cavalaria.

Na infância, Dida observava as demonstrações e ficava animado com a ideia de cavalgar.



Soumaila Zacharia Maidjida, apelidado de "Dida", cavalga em Bangui, República Centro-Africana. AFP/GETTY IMAGES

Bangui tinha dois centros de equitação bem conhecidos — um era para a "alta sociedade," essencialmente emigrados franceses, e o outro para o público.

Em 1996, os dias de glória do cavalo na RCA chegaram a um fim terrível. O exército criou um motim, dando início a um ciclo de violência e instabilidade do qual o país nunca se recuperou. Os dois centros hípico de Bangui foram abandonados e os cavalos roubados, vendidos fora do país ou acabaram em bancas de mercados.

Contudo, Dida conseguiu salvar alguns dos seus animais e hoje, apesar das incursões de grupos da milícia que controlam dois terços do país, ele ainda vai para a fronteira chadiana para trazer de volta cavalos para Bangui.

"Os cavalos são a razão da minha vida — eu não consigo viver sem eles," confessou.

Drones Serão Testados na Batalha Contra Pragas de Gafanhotos

THOMSON REUTERS FOUNDATION

As Nações Unidas estão a testar drones equipados com sensores de mapeamento e atomizadores para usar pesticidas em partes da África Oriental, que está a lutar contra uma invasão de gafanhotos do deserto. Centenas de milhões de insectos vorazes passaram por Etiópia, Quênia e Somália, naquilo que a ONU chamou de pior surto do quarto de século. Djibouti, Eritreia e Uganda também foram afectados.

Os insectos, que podem viajar até 150 quilómetros por dia, ameaçam aumentar a carência de alimentos na região onde perto de 25 milhões de pessoas sofrem por três anos consecutivos de secas e cheias, dizem as agências de ajuda humanitária.

Em Fevereiro de 2020, Keith Cressman, oficial sénior de previsão do comportamento dos gafanhotos na Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, disse que seriam testados protótipos que poderiam detectar as pragas via sensores especiais e adaptar a sua velocidade e altura conforme o caso.

“Ninguém antes já fez isto com gafanhotos do deserto”, disse Cressman. “Por isso, não temos metodologia provada para o uso de drones para pulverização de gafanhotos. Já existem pequenos atomizadores para pulverizar, feitos para drones. Mas com os gafanhotos, nós simplesmente não sabemos a que altura e a que velocidade voar.”

Oficiais quenianos dizem que os drones podem desempenhar um papel importante na provisão de alerta antecipado quando as pragas de gafanhotos chegarem numa zona.

“Cada condado precisa de uma aeronave, mas nós apenas temos cinco neste momento e eles podem apenas estar num único lugar de cada vez”, disse David Mwangi, responsável pela protecção das plantas no Ministério de Agricultura do Quênia. Nós nunca utilizamos os nossos drones antes, mas eu penso que vale a pena testá-los visto que podem ajudar.”



Homens de Samburu tentam passar por uma praga de gafanhotos do deserto, no Quênia. REUTERS

Bandido da Serra Leoa Sai das Ruas Para a Poesia



REUTERS

No seu poema *Jornada Difícil*, Yousef Kamara reflecte sobre os anos de venda de drogas e roubos enquanto líder de uma gangue de rua na capital da Serra Leoa, Freetown.

“Como um viajante na floresta acidentada/Me auto-propelando sozinho/ Escapando pelo perigo mais afiado que as facas/Meu difícil caminho é uma zona bem rachada”, escreve ele.

Depois de deixar as gangues, há três anos, Kamara agora espera que a sua jornada de declamação de poesia possa dar um exemplo para outros jovens em Freetown, onde cada vez mais jovens se juntam às gangues.

Kamara já foi publicado em várias revistas internacionais de poesia e foi convidado, em 2019, para participar na Conferência de Escritores Africanos em Quênia.

É uma reviravolta dramática para alguém que passou a maior parte da sua vida a liderar os Giverdam Gaza, uma gangue de várias dezenas de membros, que ele mesmo fundou enquanto ainda adolescente em Exodus Lane, Freetown.

“Se estivesse à procura de alguns bandidos... para bater em alguém, era só descer até Exodus Lane e procurar pelos Giverdam Boys para fazerem o trabalho”, disse Kamara.

Quando se cansou da vida das ruas, ele encontrou uma saída através da Way Out, um estúdio de media fundado por um cineasta inglês em 2008, que encoraja jovens desprivilegiados a entrarem na arte. Kamara decidiu experimentar a sua mão, escrevendo poemas, depois de ver alguns dos seus amigos inscreverem-se num curso de poesia. Ele rapidamente se deu bem, gravava os versos no seu telefone celular já desgastado.

“É preciso dar às pessoas... alguma coisa que possam levar com elas de volta para as suas comunidades e dizer, ‘Eu não sou a pessoa má que vocês conheciam’”, disse Gbrilla Kamara, gestor da Way Out. Apesar do nome, este não tem nenhuma relação de parentesco com Yossef.

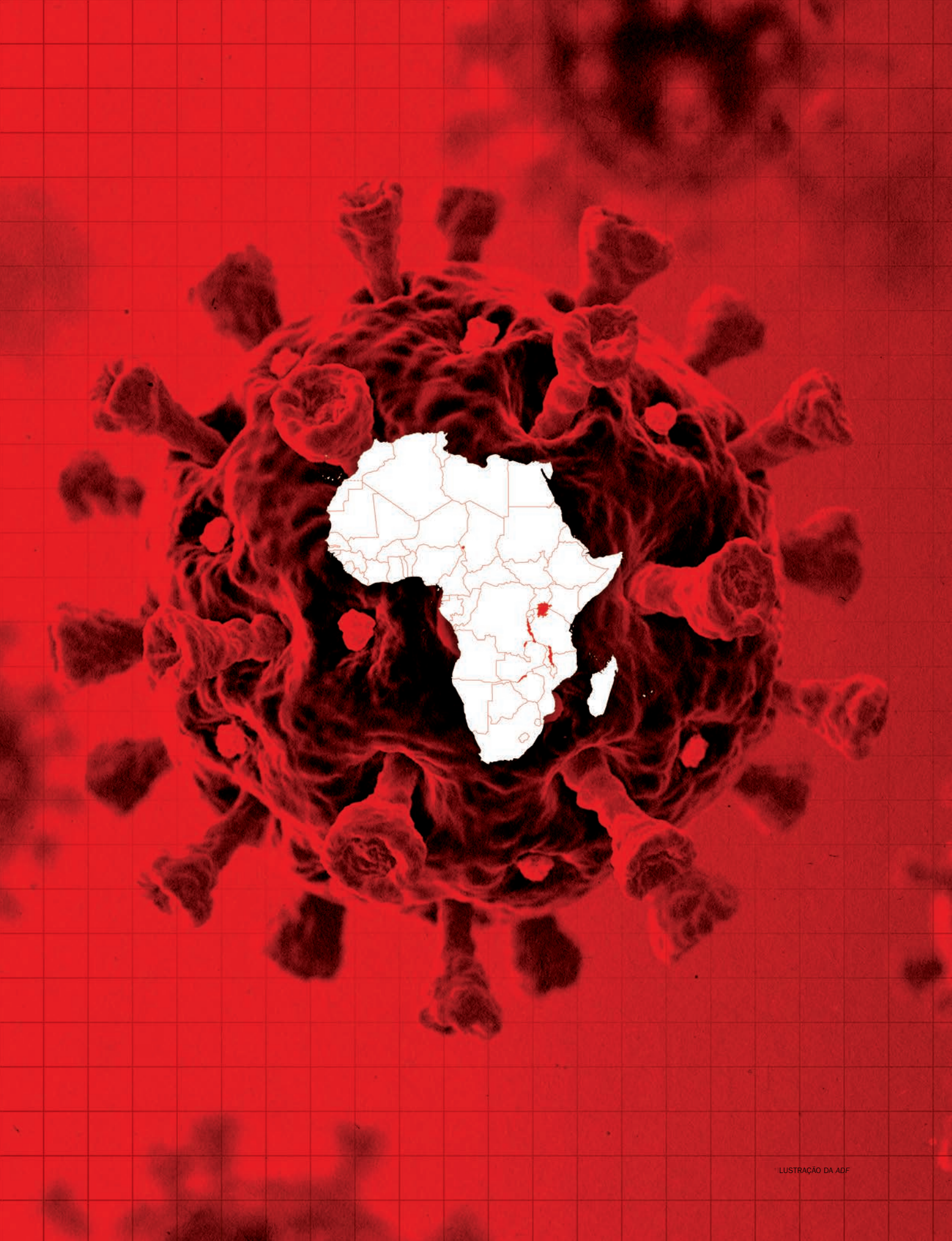
Kamara disse que gostaria de criar a sua própria organização e ajudar jovens vulneráveis a terem auto-estima e mudarem “do crime para a carreira”.

O desafio é premente. Em toda a Serra Leoa, as condições económicas terríveis, incluindo desemprego descontrolado, fizeram com que muitos que nasceram depois da guerra civil no país, entre 1991 e 2002, se juntassem às gangues, dizem os pesquisadores.

Kamara pensa que a poesia pode ser um instrumento poderoso para o combate desta tendência, forçando os jovens a serem honestos com eles mesmos.

“Ao escrever um poema, se puder ser sincero com aquilo que você viu, aquilo que você sente, aquilo que você ouviu, nunca precisará de fabricar qualquer história”, explicou.

Yousef Kamara segura a sua filha, Stylyia, em frente da sua casa, em Freetown, Serra Leoa. REUTERS



FORJADAS NO FOGO

As Experiências das Nações Africanas em Pandemias Anteriores Ajudam-nas a Enfrentar a Ameaça da COVID-19

EQUIPA DA ADF

A medida que uma nova doença respiratória assustadora alastrava-se na China Ocidental e eventualmente seguia em direcção à Europa, a África estava a lidar com vários outros surtos de doenças infecciosas.

Na República Democrática do Congo (RDC), os trabalhadores tentavam mitigar uma resistente epidemia do Ébola, que começou em Agosto de 2018, na parte oriental daquela nação. Em Janeiro de 2019, um surto de sarampo atingiu a RDC, infectando mais de 300.000 pessoas até meados de Março de 2020. Na Nigéria, oficiais de saúde estavam a enfrentar o seu maior surto de sempre da febre Lassa, uma doença sazonal transmitida por ratos e espalhada através dos seus dejectos.

Tudo isso aconteceu quando o continente também enfrentava surtos sazonais de cólera e as ameaças sempre presentes de malária, febre amarela e tuberculose. A África Austral continuava a enfrentar o profundo problema de HIV/SIDA, que, durante décadas, foi uma preocupação de saúde. A sombra do surto do Ébola da África Ocidental de 2014-2016, que matou mais de 11.000 pessoas na Guiné, Libéria e Serra Leoa, ainda perturbava o continente.

Foi neste contexto que o SARS-CoV-2, o coronavírus que causa a COVID-19, entrou no Egipto e depois passou para Argélia. O primeiro caso da África Subsaariana surgiu na Nigéria depois que um italiano chegou a Lagos vindo de Milão, no dia 24 de Fevereiro de 2020, sem sintomas, reportou o canal France 24. Quatro dias depois, este homem esteve em quarentena num hospital de Yaba.

A elevada taxa de infecção da COVID-19, combinada com a inexistência de uma vacina ou de um tratamento medicinal eficaz, aumentou o espectro da catástrofe no continente de 1,2 bilhões de pessoas. Até princípios de Maio de 2020, a África tinha registado 54.027 casos de COVID-19 em 53 países e 2.074 mortes.

Mais uma vez, uma doença mortal estava mesmo à porta de África. Mas à medida que as nações se preparavam para o pior, funcionários de saúde, oficiais do governo e pessoal de segurança exibiam grandes conhecimentos, destreza e capacidade de previsão. A experiência e a resiliência seriam as suas maiores armas.

NIGÉRIA ENTRA EM ACÇÃO

Quando começou o surto do Ébola da África Ocidental de 2014, alguns – incluindo a Organização Mundial de Saúde (OMS) – receberam críticas pelas suas reacções lentas. Contudo, a Nigéria não foi um deles.

Embora não estivesse no epicentro do surto, o Ébola chegou à parte mais densamente povoada da



Paramédicos da Argélia vestem roupas de protecção numa unidade especial do Hospital de El-Kettar para o tratamento de doentes de COVID-19. Argélia foi o segundo país de África a registar um caso do vírus. AFP/GETTY IMAGES

nação, no dia 20 de Julho de 2014, de acordo com a *Scientific American*. Dentro de poucas semanas, 19 pessoas contraíram a doença. Estavam reunidas as condições para que o desastre acontecesse, mas os oficiais de saúde da Nigéria responderam com três táticas fundamentais:

- Rastreamento rápido e minucioso de todos os potenciais contactos.
- Monitoria contínua dos contactos.
- Isolamento rápido dos potencialmente infectados.

As acções paralisaram de forma súbita o vírus mortal, limitando o número de casos a nível nacional em apenas 20.

O Ébola é muitas vezes mais mortal do que a COVID-19; a sua taxa de mortalidade aproximou-se dos 50% na pandemia da África Ocidental, entretanto é mais difícil de ser transmitida de uma pessoa para outra. É necessário que haja contacto directo com fluidos corporais tais como sangue, fezes e outras secreções e tecidos. Descobriu-se que certas práticas de funerais tradicionais eram uma forma comum de transmissão.



Dr. Chikwe Ihekweazu, director-geral do Centro de Controlo de Doenças da Nigéria REUTERS

A COVID-19 espalha-se com muito mais facilidade. As pessoas apenas precisam de apertar a mão de alguém infectado ou entrar em contacto com uma superfície que a pessoa tenha tocado e depois tocar na sua cara para introduzir o patogénico no seu corpo. O vírus também pode entrar durante a respiração por via de gotículas de água libertadas durante tosse e espirros. Por ser menos mortal e pelo facto de muitas pessoas nunca apresentarem sintomas, a COVID-19 espalha-se muito mais rapidamente e para mais longe do que o Ébola. Isto também faz com que

seja muito mais provável que os sistemas de saúde fiquem sobrecarregados, mesmo em nações altamente desenvolvidas.

Em 2018, a Nigéria activou em pleno o Centro de Controlo de Doenças da Nigéria (NCDC) e implantou, em todo o país, uma rede de laboratórios, que podia rapidamente identificar casos da doença, de acordo com a revista *The Scientist*. Desde a eclosão da COVID-19, o NCDC levou a cabo intensas campanhas de envolvimento popular para encorajar práticas seguras e sanitárias.

O aumento da capacidade da Nigéria foi validado depois do surgimento do seu primeiro caso de COVID-19. Funcionários de saúde colheram, testaram e analisaram amostras do viajante italiano que trouxe o vírus para a nação. Os técnicos sequenciaram o genoma dessas amostras no Centro Africano de Excelência para Genomas de Doenças Infecciosas, na Redeemer's University. Foi a primeira análise do SARS-CoV-2 em África.

Esta realização marca a capacidade da Nigéria de contribuir para uma pesquisa importante da genómica da doença e da evolução das contaminações em tempo real, disse Chikwe Ihekweazu, director-geral do NCDC. Também mostra que as nações investiram na capacidade de diagnóstico.

“Quer a ferramenta seja utilizada para surtos de doença ou para vigilância rotineira, agora temos a capacidade de realizar sequenciamento a nível nacional, que tradicionalmente tem sido feito por meio de colaborações com laboratórios de fora do país,” disse Ihekweazu a *The Scientist*.

A Nigéria também tem sido agressiva no rastreamento de passageiros que entram pelos aeroportos e através de visitas porta-a-porta de modo a travar o avanço da COVID-19. A OMS coordenou e deu o seu apoio técnico ao pessoal dos terminais de chegada do Aeroporto Internacional Murtala Muhammed, em Lagos.

Em meados de Março, a monitoria dos passageiros incluía formulários de auto-preenchimento e medições de temperatura. Uma enfermeira também observava os passageiros para procurar quaisquer sinais visíveis de doença. As pessoas que apresentassem tais sinais ou que declarassem estar doentes ou que tivessem estado expostas eram conduzidas a um rastreamento adicional.

No dia 10 de Abril, a Nigéria enviou funcionários de saúde para casas e postos de saúde em Lagos, uma cidade de 21 milhões de pessoas, para realizarem inquéritos electrónicos sobre sintomas de COVID-19. “Este é um esforço para intensificar a nossa busca por possíveis casos de COVID-19 nas diferentes comunidades espalhadas pelo Estado,” disse o Comissário de Estado de Lagos para a Saúde, Akin Abayomi, à Radio France Internationale.

Em meio a estes esforços de vigilância da doença, a Nigéria e outros países também estavam a empregar

uma das mais importantes armas utilizadas no surto de Ébola: o rastreamento de contactos. Esta técnica é essencial para qualquer grande surto de doença contagiosa. A pessoa doente inicial é isolada e tratada. De seguida, qualquer outra pessoa que possa ter estado perto da mesma é também rastreada e testada para verificar se tem algum sintoma. Faz-se a monitoria dos contactos sem sintomas até que tenha passado o período de incubação. Caso esses contactos apresentem algum sintoma, são isolados e tratados. Depois os seus contactos são igualmente rastreados, e assim por diante.

Sempre que possível, é importante manter os pacientes de COVID-19 isolados dos outros que estejam a receber tratamento médico. Muito cedo, a Nigéria criou clínicas de isolamento separadas para evitar sobrecarregar o seu sistema de saúde à medida que os casos aumentavam, de acordo com um estudo feito pelo Centro de Estudos Estratégicos de África (CEEAA). O mesmo modelo encontra-se agora em vigor em cerca de 20 países.

As nações estão a demonstrar que aprenderam da experiência que tiveram com o Ébola e outros surtos de doenças, referiu o estudo do CEEA. As nações que estabeleceram centros de isolamento durante os surtos de Ébola de 2014 e da RDC estão a reabri-los para isolar pacientes de COVID-19 dos centros de saúde normais. As experiências anteriores também reforçaram a necessidade de focalizar-se mais nas medidas de prevenção em detrimento de tratamentos terapêuticos.

“Possuímos infra-estrutura de testagem, histórico e experiência de testagem sem precedentes no mundo. É uma oportunidade que não nos podemos dar ao luxo de desperdiçar.”

~ FRANCOIS VENTER, do Instituto de Saúde Reprodutiva e HIV de Wits na Universidade de Witwatersrand

ÁFRICA DO SUL LIDERA A TESTAGEM

Na África do Sul, anos de tratamento e rastreamento de tuberculose e HIV deixaram os oficiais de saúde com conhecimento e infra-estruturas para realizarem a testagem em grande escala.

Especialistas olham para a testagem massiva como sendo a forma de seguir o rasto da propagação do vírus enquanto se certificam que as pessoas infectadas sejam isoladas e tratadas e os seus contactos testados. A África do Sul respondeu a esta necessidade destacando unidades de testagem móveis e

centros de rastreamento nas suas cidades mais densamente povoadas, onde cerca de 25% dos 57 milhões de habitantes da nação vivem, reportou a Associated Press (AP).



Uma mulher somali vende frutas a um cliente parado num círculo como forma de manter o distanciamento social num mercado de Mogadíscio. REUTERS

A grande densidade populacional, uma condição comum de muitos centros urbanos de África, representa um desafio. O distanciamento social, uma tática crucial na luta contra a COVID-19, é virtualmente impossível nestes lugares. Famílias numerosas, em muitos casos, partilham um único quarto e as casas encontram-se muito próximas umas das outras. A lavagem das mãos também é um problema quando, às vezes, centenas de pessoas são obrigadas a partilhar uma única torneira. Todas estas condições fazem com que a testagem seja crucial.

“Estas são zonas onde existe uma elevada concentração de pessoas com HIV e TB, as quais estão em risco de ter sintomas graves,” disse à AP o virologista de Durban, Denis Chopera, director executivo da Rede da África Subsaariana para a Pesquisa de Excelência de TB/HIV. “Estas são zonas que podem rapidamente se tornar em pontos críticos.”

A África do Sul esperava realizar 30.000 testes de COVID-19 por dia até ao final de Abril de 2020. Isso a colocaria entre os melhores de África.

“Possuímos infra-estrutura de testagem, histórico e experiência de testagem sem precedentes no mundo,” disse à AP Francois Venter, do Instituto de Saúde Reprodutiva e HIV de Wits, na Universidade de Witwatersrand. É uma oportunidade que não nos podemos dar ao luxo de desperdiçar.”

A África do Sul há muito tempo vem usando um teste de TB que produz resultados em poucas horas. O sistema, que extrai material genético para obter

resultados, levou ao desenvolvimento de um teste de COVID-19, reportou a AP. Esperava-se que a nação comesse a utilizá-lo na primavera. Esse teste é muito mais rápido do que os testes convencionais com recurso a zaragatoas nasofaríngeas.

“Isso diminuirá drasticamente o nosso tempo de testagem e as máquinas menores poderão ser colocadas em veículos móveis, que são ideais para a testagem comunitária,” disse à AP o Dr. Kamy Chetty, PCA do Serviço Nacional de Laboratórios de Saúde.

O NOVO DESAFIO DA ÁFRICA OCIDENTAL

O vírus Ébola deixou uma impressão duradoira na Guiné-Conacri, Libéria e Serra Leoa. Todos esses três países estavam despreparados para o vírus mortal e a sua capacidade de resposta dependia amplamente da ajuda de outras nações de África e de outras partes. Contudo, quando se espalhou a notícia da COVID-19, as fortes ligações da região com a China levaram-na a responder cedo e com uma riqueza de previsão e experiência.



Um trabalhador da Cruz Vermelha do Quênia entrega desinfetante das mãos num dos bairros pobres de Nairobi para combater a propagação da Covid-19. É difícil garantir-se o distanciamento social nestas zonas e água limpa para a lavagem das mãos pode ser escassa. AFP/GETTY IMAGES

Dr. Mosoka Fallah, um veterano da pandemia de 2014 e responsável do Instituto Nacional de Saúde Pública, que foi estabelecido aquando do surgimento do Ébola, liderou a estratégia de preparação para a COVID-19 na Libéria. Ele viu o potencial perigo quase que imediatamente, ao ter conhecimento de que 300 cidadãos de nacionalidade chinesa haviam chegado à Libéria vindos da China, assim como 80 cidadãos da Libéria. Começou a comunicar com contrapartes na Serra Leoa e Guiné-Conacri num grupo de WhatsApp, reportou a revista *Time*. Falaram sobre

rastreamentos em aeroportos, potenciais interdições de voos e quarentenas. Isso foi em Janeiro de 2020, quando muitos países ainda não se tinham apercebido da potencial ameaça do novo vírus.

Em finais de Janeiro, Fallah estava a trabalhar com Dr. Jerry Brown, que era o gestor de um dos maiores centros de tratamento do Ébola na Libéria. Eles trabalharam para organizar formações a fim de ajudar o pessoal do hospital a reconhecer os sintomas da COVID-19, reportou a *Time*. A OMS ajudou-os a adquirir kits de testagem e eles levaram a cabo uma formação para colaboradores sobre como realizar um teste do vírus. Isso permitiu que a Libéria realizasse todos os testes de COVID-19 no país, uma capacidade que não foi possível durante a crise do Ébola. Fallah também recuperou as estações de lavagem das mãos que estavam espalhadas por todos os lugares durante o surto do Ébola.

A Libéria confirmou o seu primeiro caso no dia 16 de Março de 2020. Uma semana depois, oficiais declararam uma emergência de saúde pública e pediram ajuda ao Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA). Os mesmos oficiais urgentemente recrutaram, formaram e empregaram rastreadores de contactos.

“Não é fácil trabalhar como rastreador de contactos, especialmente quando ainda existe um elevado nível de rejeição e estigmatização a nível da comunidade,” disse o rastreador Octavius Koon.

Dada a fraca capacidade no sector de cuidados de saúde durante o período do surto do Ébola, as nações afectadas entenderam que era necessário existir uma comunicação eficaz para evitar a propagação de desinformação. Rumores podem sair rapidamente do controlo e fazer com que a população fique contra os que combatem a doença.

Para combater a falta de confiança durante a pandemia da COVID-19, o UNFPA recruta rastreadores de contacto das zonas mais afectadas e empregam-nos nas suas próprias comunidades.

O país aprendeu uma lição muito difícil com o surto do Ébola sobre a importância de edificar a confiança entre os cidadãos. “A queda vertiginosa nas infecções veio através da mudança comportamental do público em geral,” disse à ACSS Gyude Moore, um antigo conselheiro da então Presidente Ellen Johnson-Sirleaf. “E isso apenas aconteceu quando o envolvimento da comunidade e a confiança passaram a ser uma parte essencial da resposta.”

O PAPEL DAS FORÇAS DE SEGURANÇA

Uma das formas de edificar e manter a confiança entre os civis é certificando-se de que os representantes do governo – em particular, as forças de segurança – se comportem de formas a respeitar os direitos do povo e observar o estado de direito. As nações da África Ocidental aprenderam durante a crise de Ébola que se deve tomar muito cuidado ao destacar as forças

policiais e militares em apoio a resposta contra uma pandemia. No passado, oficiais do governo destacaram forças de segurança ao serviço dos seus próprios regimes sem terem em conta os direitos civis. Essa história pode fazer a ideia de usar soldados armados para fazerem com que se respeite a quarentena algo problemático para os civis.

Navegar com balanço delicado de segurança e obediência civil pode ser difícil para forças tipicamente treinadas apenas para tarefas de campo de batalha. John Siko, director da consultoria de segurança Burnham Global, sediada em Dubai, disse à Voz da América (VOA) que a maior parte dos militares de África não tem treinamento para manter a “ordem pública”.

Algumas forças do continente, tais como aquelas que possuem uma extensa experiência de manutenção de paz, construíram vilas fictícias e utilizaram actores pagos a fim de testar a reacção dos soldados antes de serem destacados. “Existe um grande desejo e necessidade de treinos de ordem pública para certificar que os homens possam responder de uma forma que respeite os direitos humanos quando isso de facto acontecer”, disse Siko à VOA.

Na África do Sul, a nação com maior número de casos de COVID-19 no continente, o lockdown foi em termos gerais bem-sucedido, mas alguns soldados e agentes da polícia foram acusados de ter utilizado força excessiva. Em Março, 2.820 soldados foram destacados para o lockdown. Na terceira semana de Abril, o Presidente Cyril Ramaphosa anunciou que destacaria um número adicional de 73.180 tropas para fazer cumprir a ordem até ao dia 26 de Junho, de acordo com o The Defense Post.

“Com o apoio necessário, seremos capazes de edificar sobre aquilo que temos. Seremos capazes de reforçar as infra-estruturas de saúde e os sistemas de saúde no continente. ... Seremos capazes de solucionar o problema desta pandemia, país por país.”

~CYRIL RAMAPHOSA, Presidente da África do Sul

Em princípios de Maio, soldados armados patrulhavam ruas e lojas da África do Sul, interpelando os cidadãos que estivessem fora de casa sem máscaras faciais.

Com esse tipo de presença militar é essencial que os soldados demonstrem contenção e respeito

pelos direitos humanos. Se não fizerem isso, podem realmente reduzir as hipóteses de as pessoas doentes procurarem por ajuda, escreveu o Dr. Shannon Smith, professor de prática e director de abordagem na ACSS. As forças de segurança devem ser destacadas com cuidado, de preferência sob a orientação de funcionários de saúde.



Uma enfermeira mede a temperatura dum viajante no Aeroporto Internacional de Kotoka em Acra, Gana, em Janeiro de 2020.

REUTERS

É muito provável que a pressão social encoraje os civis a aderirem ao distanciamento social e a outros requisitos da pandemia, escreveu o Dr. Mark Duerksen, associado de pesquisa da ACSS.

“As forças militares e policiais seriam mais utilizadas para garantir a segurança de lugares como centros de testagem, hospitais e para trabalhadores do sector de saúde caso seja necessário”, escreveu Duerksen num estudo da ACSS divulgado a 9 de Abril de 2020. “Para além disso, a polícia pode ser destacada para proteger mulheres e crianças que estejam a sofrer violência doméstica significativa enquanto permanecem confinadas em casa”.

O Presidente Ramaphosa, da África do Sul, pediu às tropas sul-africanas que trabalham durante a pandemia para que fossem uma “força de bondade”. Num artigo que escreveu para a *Time*, em Abril de 2020, Ramaphosa disse que a África está unida, provada no fogo dos surtos de doenças e cheia de cientistas e pesquisadores de classe mundial.

“Com o apoio necessário, seremos capazes de edificar sobre aquilo que temos”, escreveu Ramaphosa. “Seremos capazes de reforçar as infra-estruturas de saúde e os sistemas de saúde no continente. Seremos capazes de amenizar o impacto da inevitável queda económica para a nossa população e seremos capazes de solucionar o problema desta pandemia, país por país”. □

LIÇÕES DE UMA PANDEMIA

À MEDIDA QUE A COVID-19 ASSOLA O MUNDO, A
LIBÉRIA PODE OFERECER CONHECIMENTOS A PARTIR
DA SUA EXPERIÊNCIA NA LUTA CONTRA O ÉBOLA

MAJ. GENERAL PRINCE C. JOHNSON III





Soldados liberianos constroem uma unidade de tratamento do Ébola, no dia 15 de Outubro de 2014, em Tubmanburg, Libéria.

AFP/GETTY IMAGES

FOTO INTERNA:
Maj. Gen. Prince C. Johnson III
FORÇAS ARMADAS DA LIBÉRIA

A medida que o mundo enfrenta um inimigo invisível, o coronavírus que causa a COVID-19, pode ser útil revisitar a experiência da Libéria durante a eclosão do vírus do Ébola, entre 2014 e 2016.

Embora tenhamos cometido erros e sofrido alguns contratempos, também aprendemos um pouco sobre o papel adequado dos militares na luta contra uma epidemia. Em última instância, acredito que os esforços feitos pelas Forças Armadas da Libéria (AFL) e dos seus parceiros internacionais ajudaram a reduzir a propagação do vírus e salvaram vidas. Estou confiante de que as lições que aprendemos nos deixarão melhor posicionados para enfrentar futuros surtos. Sendo assim, gostaria de compartilhar algumas destas lições com aliados em todo o continente e no mundo inteiro.

O Ébola surgiu numa zona de florestas densas da República da Guiné, em finais de 2013. No mês de Agosto seguinte, já se tinha alastrado para pelo menos três países vizinhos e as mortes já tinham ultrapassado 900, tendo 232 destas mortes acontecido na Libéria. A crise ultrapassou as capacidades da polícia da Libéria e outras forças de segurança regionais. No dia 7 de Agosto de 2014, a então Presidente Ellen Johnson Sirleaf declarou um estado de emergência de 90 dias. Nos termos da secção 2.3 da Lei de Defesa Nacional da Libéria, isso significava que era responsabilidade das AFL dar “apoio de comando, controlo, logístico, médico, de transporte e humanitário às autoridades civis” de modo a combater o desastre.

Mas as perguntas persistem: O que isso significava exactamente e será que estamos preparados? Por exemplo, as AFL tinham sido reconstruídas a partir do zero depois de 15 anos de guerra civil. Sob a supervisão dos Estados Unidos da América e duas empresas de segurança, cerca de 2.000 soldados das AFL foram recrutados, vetados, treinados e equipados. A Comunidade Económica de Estados da África Ocidental deu assistência e uma nova AFL nasceu em 2006. No ano de 2014, ainda estávamos a familiarizar-nos. Compartilhamos responsabilidades na área da segurança com as Nações Unidas e as únicas missões das AFL tinham sido de destacar forças para a fronteira da Costa do Marfim, em 2012, e contribuir com tropas para a Missão das Nações Unidas no Mali, com início em 2013.

Para além disso, todo o corpo médico era composto por uma unidade de tamanho de um pelotão. A luta contra o Ébola era diferente de qualquer coisa que já tínhamos visto. A nossa tarefa era de garantir segurança para os técnicos de saúde e para as instituições de modo que estas pudessem realizar o seu trabalho de salvar vidas. Também pediram que restringíssemos o movimento de pessoas em cinco condados do nordeste da Libéria (Lofa, Gbarpolu, Montserrado, Bomi e Grand Cape Mount), com uma população total de cerca de 2 milhões.

OPERAÇÃO WHITE SHIELD

A missão que tomou forma ficou conhecida como operação White Shield com atribuições que incluíam:

- Fazer cumprir a quarentena e o recolher obrigatório.
- Alocar pessoal para os pontos de controlo próximos da fronteira e em estradas principais e medir a temperatura de civis.
- Garantir escoltas de segurança para equipas de funerais em regiões hostis.
- Transportar itens fundamentais de logística para lugares de difícil acesso.

De todas essas atribuições, se calhar, a mais difícil foi a de garantir escoltas de segurança para equipas de funerais. Isso foi um desafio porque algumas pessoas



não queriam aceitar o facto de que, para impedir o alastramento da doença, os seus entes queridos tinham de ser enterrados em zonas distantes das suas residências.

Esta questão da cultura tinha passado a ser o centro das atenções. As organizações humanitárias e organizações não-governamentais internacionais não conseguiram convencer os membros da comunidade que esta era a melhor forma de controlar a propagação. Na Libéria, não estávamos acostumados à prática de cremar corpos e nós, os soldados das AFL, tínhamos de explicar isso às pessoas e dizê-las que tinham de mudar as práticas culturais para poder controlar o vírus. As pessoas estavam frustradas porque os corpos dos seus entes queridos lhes eram tirados à força. Em algumas religiões, as pessoas realizavam rituais de purificação dos mortos, mas estas oportunidades não

lhes eram dadas. Encontramos resistência séria.

Aprendemos que ao tentar controlar um surto, a cultura é tão importante quanto às táticas, uma vez que a doença se propaga como resultado do comportamento humano.

OPERAÇÃO UNITED ASSISTANCE/UNITED SHIELD

Em Setembro de 2014, o nosso presidente apelou para a ajuda da comunidade internacional. O primeiro exército a juntar-se às AFL foi o Exército Americano, através da 101ª Divisão Aérea, que destacou a Operação United Assistance. Agora tínhamos duas operações militares a operar num único país. Rapidamente pudemos ver a importância da boa liderança.

Quando a 101ª chegou, a equipa de avanço era encabeçada pelo Maj. Gen. Darryl Williams, do Exército

Um soldado liberiano destacado para a Força-Tarefa contra o Ébola impõe o cumprimento de quarentena, em Dolo Town, em Agosto de 2014, AFP/GETTY IMAGES



Americano. Ele veio com a aeronave e com mantimentos para construir as unidades de tratamento de Ébola (ETU) de que tanto precisávamos. Mas quando entrou no país, na sua primeira paragem, foi ter com o comandante da unidade das AFL e perguntar “O que vocês têm e de que vocês precisam?” Ele não disse: “Nós utilizaremos os nossos instrumentos” ou “Nós faremos o plano”. Ele contou connosco para ter recomendações. Este é o modelo para a liderança. A nação anfitriã desempenha correctamente um papel importante ao lidar com uma crise humanitária e determinar como impedir a propagação de uma doença mortal. O Gen. Williams reconheceu isso desde o começo.

Combinamos os nossos recursos e criamos o nosso próprio modelo. E isso se reflectiu no novo nome do esforço conjunto. Levamos o termo “United” da missão dos EUA e “Shield” da missão da Libéria para criar a “Operação United Shield”.

O Gen. Williams tinha um mandato específico de construir 17 ETUs, visto que na altura apenas existia

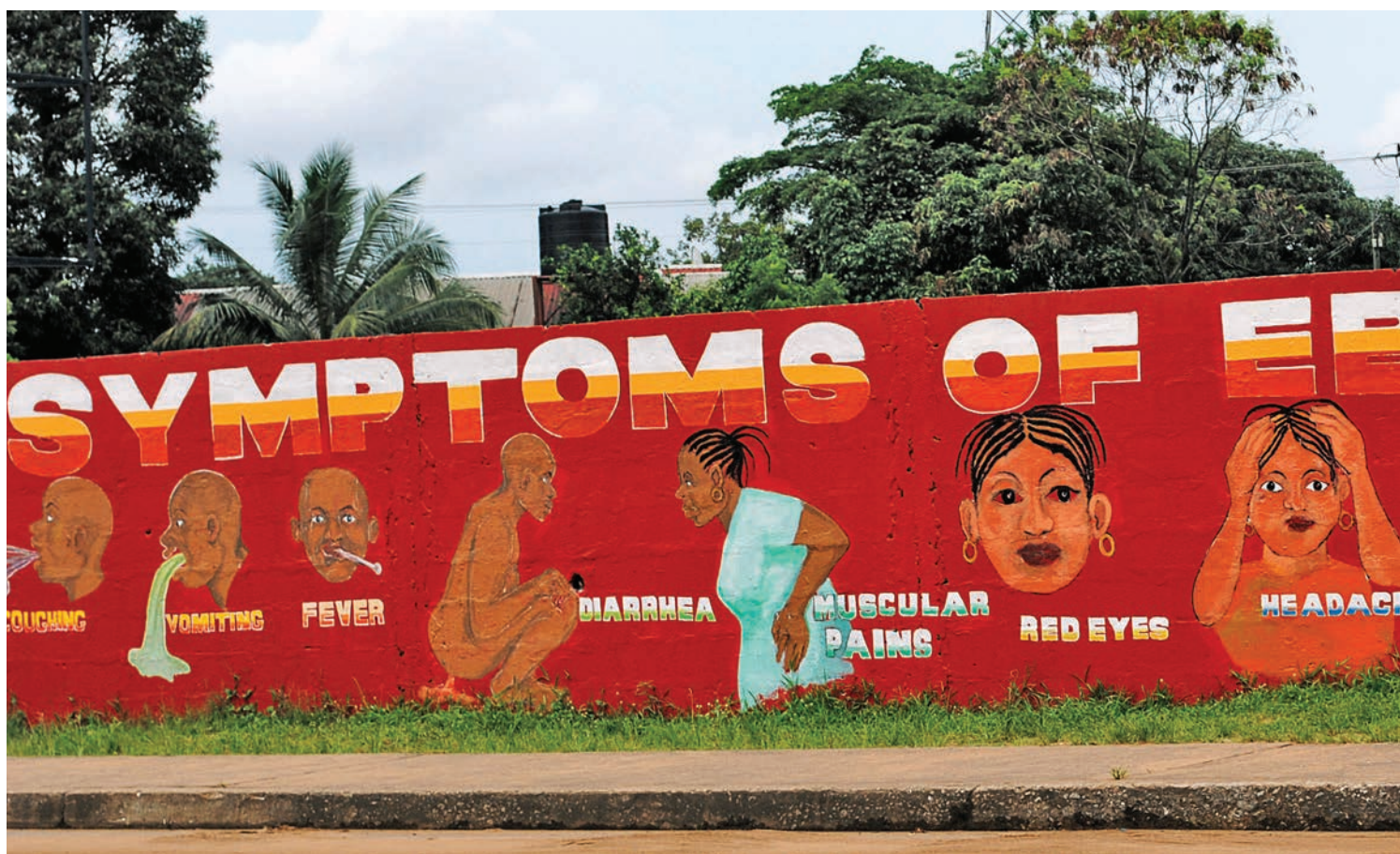
uma ou duas no país, no Condado de Montserrado. Os outros 14 Condados da Libéria não tinham ETUs, por isso, as pessoas, incapazes de viajar, eram vítimas da doença e morriam sem receber tratamento especializado.

Quando discutimos este assunto com o Gen. Williams, decidimos reduzir o número e construir 10 ETUs e reduzir a capacidade de cada uma delas das 100 camas planificadas para 50 camas. Este foi o melhor plano para colocar os cidadãos da Libéria em posição de dar apoio e fazer a gestão das ETUs quando estas fossem concluídas. Conseguimos construir três ETUs num curto espaço de tempo, o que começou a reduzir a questão de as vítimas não terem um lugar para onde ir. Até Outubro de 2014, tínhamos mais camas disponíveis do que novos casos registados.

Também colaboramos com os EUA para dar treinos de simulação ao nosso pessoal médico e alguns homens da infantaria a fim de saberem qual é a melhor abordagem a utilizar quando se depararem com uma vítima.

“Como comandantes, devemos estar constantemente a fazer a monitoria e a preparar porque não sabemos onde uma pandemia irá surgir a seguir. A nossa habilidade de lidar com futuros desafios depende da nossa liderança hoje.”

– Maj. Gen. Prince C. Johnson III



O treino incluía como identificar os sintomas do Ébola e como utilizar correctamente o equipamento de protecção individual (EPI). Os EUA entraram em parceria com a Libéria para desenvolver um programa de formação de formadores para que os estudantes que participassem do curso pudessem ensinar aos outros.

Estabelecemos uma estrutura para sustentar ainda mais as tropas alocadas e trabalhadores do sector de saúde, garantindo a existência de um fluxo contínuo de pessoal e equipamento para as regiões mais severamente atingidas. Este plano de apoio logístico dependia da capacidade de transporte aéreo dos EUA e do transporte terrestre liberiano.

Em algumas semanas, houve mais centros de testagem, o que reduziu o tempo necessário para confirmar um caso, de dois ou três dias para apenas algumas horas. Os pacientes eram testados em centros móveis e transferidos imediatamente para as ETUs de modo a reduzir o tempo que eventualmente podiam transmitir a doença a outras pessoas. Na primeira semana de 2015, houve uma redução de 60% de novos casos comparados aos piores períodos de Agosto anterior.

LIÇÕES APRENDIDAS

Parcerias Regionais: Em 2014, foi-nos lembrado rapidamente de que vivemos numa aldeia global. É necessário ver o que acontece com o seu vizinho para proteger a si mesmo. Nós o fizemos e estamos aqui hoje por causa

disso. As parcerias podem mitigar muitos desafios na nossa região. As relações bilaterais entre líderes políticos, militares e civis de países vizinhos fazem com que a partilha de informação e a coordenação de uma resposta sejam mais fáceis. As nações da Libéria, Guiné-Conacri e Serra Leoa aprenderam isso e acredito que as parcerias regionais são mais fortes hoje do que nunca.

Trabalho em Equipa: A questão da confiança dentro de um país é difícil, não se pode esperar edificar a confiança durante um conflito ou uma crise. É necessário começar a edificar a confiança entre vocês antecipadamente. Os líderes civis do sector público e privado, preocupados com a resposta, medicina, ajuda humanitária, testagem e produção de EPI de emergência, devem ter uma relação baseada na confiança antes do surgimento de um surto.

Educação: A educação pública demonstrou ser de vital importância para a situação de segurança na Libéria. À medida que o público entendia mais sobre como o vírus se propagava e por que certas coisas, incluindo quarentenas, eram necessárias, ficou mais fácil protegê-lo.

Formação: Por causa da crise, as AFL foram responsáveis por manter a ordem pública em alguns locais, algo que é tipicamente uma responsabilidade da polícia. É importante que os soldados sejam treinados e preparados para lidar com questões como o controlo de multidões, em que a paciência, a contenção e evitar o uso de força são componentes fundamentais.

Envolvimento Local: Quando os EUA chegaram, o Gen. Williams tinha uma mensagem clara: “Eu não vou assumir o controlo. Vocês é que são os responsáveis por isto”. Ouvir isso foi importante para nós. Fazer com que os liberianos assumissem o controlo do problema e o comando no combate da propagação fez com que o sucesso fosse possível de alcançar.

FUTUROS DESAFIOS

Este vírus afectou mais de 28.000 pessoas na nossa região. Deste número, mais de 11.000 morreram. Na Libéria, tivemos cerca de 5.000 mortes. Tendo vivido isto, eu sei o que é necessário para responder. Durante o meu comando, tive de tomar decisões difíceis, tais como dizer a um oficial júnior que ele não tinha permissão de ir visitar a mãe enquanto ela morria por causa da doença. Ordenei que ele permanecesse em quarentena. Estas decisões são dolorosas, mas a disciplina é essencial para impedir a propagação do vírus. Qualquer complacência na quarentena pode levar ao surgimento de uma nova onda de casos. Quanto ao futuro, eu não tenho medo, mas estou preocupado com a COVID-19 e a ameaça de futuras pandemias. Eu já comecei a planificar. Como comandantes, devemos estar constantemente a fazer a monitoria e a preparar porque não sabemos onde uma pandemia irá surgir a seguir. A nossa habilidade de lidar com futuros desafios depende da nossa liderança hoje. □

O Maj. Gen. Johnson serviu nas Forças Armadas da Libéria por mais de 11 anos e, desde 2018, é chefe do estado-maior. Estudou em várias escolas militares incluindo a Escola de Comandos e Generais do Exército dos EUA, em Fort Leavenworth, Kansas. É Mestre em Estudos de Paz pelo Instituto Kofi Annan para Transformação de Conflitos, Universidade da Libéria.





CÃES 'TREINADOS'

— ENFRENTAM —

CAÇADORES FURTIVOS

Cães Altamente Treinados Estão a Rastrear o Contrabando, Proteger a Fauna Bravia e Salvar Vidas

EQUIPA DA ADF

À medida que os caçadores furtivos fazem o uso de altas tecnologias com helicópteros, sedativos para animais e espingardas de alta-potência, os homens e mulheres que protegem a vida selvagem em risco de extinção usam métodos antigos — os cães.

As autoridades da área de conservação do Zimbabwe e da África do Sul dizem que os caçadores furtivos agora utilizam helicópteros para sobrevoar os parque e identificar rinocerontes e, enquanto sobrevoam, disparam dardos com drogas contra os animais para os sedar.

Uma vez alvejados, os animais ficam enfraquecidos, e os ladrões aterram e cortam brutalmente os seus chifres com recurso a moto-serras. Aqui matam sem misericórdia; os animais são deixados a sangrar

até à morte. Depois, os abutres aglomeram-se para os tirar da sua miséria — o que, por sua vez, alerta as autoridades.

A amplitude do problema é devastadora. Por exemplo, o Parque Nacional Kruger, na África do Sul, gasta 13,5 milhões de dólares anualmente em esforços no combate contra a caça furtiva. Possui a força de combate contra a caça furtiva mais treinada e dedicada de África. O serviço de notícias sobre conservação MongaBay reporta que o parque foi dividido em 22 secções, cada uma com o seu próprio fiscal e uma equipa de fiscais no terreno. Os fiscais têm apoio de helicópteros e das Forças de Defesa

Continua na pág. 23

Um cão é capaz de garantir a segurança da mesma área que sete fiscais, de acordo com a Animals Saving Animals. AFP/GETTY IMAGES



‘ESTES SÃO CÃES FORTES’



Já houve cerca de 400 apreensões de produtos ilegais provenientes da caça furtiva desde que o programa Caninos para a Conservação começou. Fundada pela African Wildlife Foundation, a organização começou a operar em 2011. O Director da Caninos para a Conservação, Will Powell, que vive na Tanzânia, falou com a ADF sobre os cães da sua organização.

ADF: Que tipo de cães utiliza para detectar caçadores furtivos e produtos de contrabando.

Powell: Temos 50 cães localizadores. Existem três tipos. Existem cães localizadores, que são utilizados em postos de controlo de aeroportos e nas fronteiras. Os cães rastreadores são utilizados no mato. E existem cães para ataque, que nós não utilizamos.

A nossa abordagem para rastrear os caçadores furtivos não é de deixar os cães agitados, e depois apanharem o inimigo e mordê-lo. Estes cães, muitas vezes, ficam sobreaquecidos. Os nossos adestradores são treinados para serem muito mais relaxados. Eles podem manter os cães a rastrear durante o dia todo. Durante o rastreamento, os cães têm algum tempo para descansar e beber água. Se encontrar alguma sombra, mas ainda não for o tempo de descanso, tem de forçá-los a descansar na mesma.

Se tiver um caçador de rinoceronte no norte do Quênia ou na África do Sul, é uma corrida — é uma corrida desenfreada para que o caçador saia dali a correr. Algumas vezes, é muito tarde para apanhar o caçador, mas fica a mensagem de que o risco de ser apanhado é muito mais alto por causa dos cães. No (Parque Nacional de) Serengeti, tivemos cães durante oito anos. Nos últimos seis anos, nenhum elefante foi morto. Se alguém caçar alguma coisa será perseguido até a casa e apanhado.

ADF: Que raças de cães vocês utilizam?

Powell: Utilizamos vários tipos de cães — Malinois e alguns Pastores-alemães, Perdigueiros-alemães de pêlo curto, cães-farejadores-de-Hanôver.

Temos um cão que seguiu os rastros de um caçador furtivo mesmo depois de terem passado 6 dias e meio. É quase impossível quando os rastros são tão antigos assim. Quando a equipa encontrou o caçador furtivo, ele pensou que tivesse sido feitiçaria. Ele tinha matado um elefante e escondido o dente no quintal de um vizinho, debaixo de um pouco de estrume. Mesmo assim, o cão identificou o cheiro e recuperou o marfim. Era um Pastor-alemão — eles têm um processo de pensamento. É possível conversar com um Pastor-alemão.

ADF: Uma reportagem anotou que embora estes cães não sejam treinados para farejar tartarugas roubadas por caçadores furtivos, um cão consegue encontrá-las mesmo assim.

Powell: Quando sentem o cheiro de odores biológicos grandes, eles mudam de comportamento. Um cão sentiu o cheiro de alguma coisa, por isso, o manipulador verificou a pasta [que um viajante carregava]. Eles farejam coisas para as quais não tenham sido treinados para encontrar — tartarugas, corais, madeira.

Temos um problema com o comércio de carne de caça no Parque Nacional de Serengeti. Bois-cavalos e Zebras são mortos todos os dias.

ADF: Onde adquire os seus cães?

Powell: Escolhemos os nossos cães na Europa. Os cães vieram da Holanda, República Checa, França, Bélgica, Hungria e Polónia. Quando os escolhemos, brinquei dizendo que eles já são licenciados antes mesmo de nós os treinarmos.

A selecção apropriada dos cães é parte da estratégia. Começamos com um Kong, que é um brinquedo normal para cães. É um instrumento muito bom para ensinar os cães como rastrear. Eles têm de gostar do Kong. Eu escondo o brinquedo em lugares diferentes. Fazemos testes do ambiente, observando como se comportam em lugares diferentes.

Depois de os adquirirmos, os treinamos por dois ou três meses antes de terem manipuladores. Depois disso, recebem treinos de oito a 10 semanas. Os nossos cães são sociais, mas independentes. Eles vivem em canis.

Não é uma regra estabelecida de que um cão em particular será manipulado por um certo manipulador. Temos cães aqui que podem ser manipulados por qualquer manipulador. Escolhemos os cães que são à prova de manipuladores. E ensinamos os manipuladores a amar os cães.

Ensinamos os manipuladores o amor, o cuidado e a afeição. Tentamos ter cães que não são tão necessitados, mas também cães que não são tão agressivos.

Os cães rastreadores do Serengeti são mantidos em canis à prova de mosca tsé-tsé. Colocamos alvos para a mosca tsé-tsé; as moscas são atraídas para o azul-escuro. Os nossos alvos são impregnados com insecticida.

As picadas da mosca tsé-tsé causam a doença do sono. As maiores ameaças para os nossos cães são as moscas tsé-tsé

e o calor. Os nossos cães são mais facilmente afectados pelas moscas tsé-tsé do que por humanos. Quanto ao que diz respeito a moscas tsé-tsé, os cães são os canários nas minas. Estes cães são fortes;

têm estado no terreno a vida inteira.

Os nossos manipuladores levam os cães para caminhadas, cuidam dos cães e fazem avaliações do seu estado de saúde. Tivemos dois cães que reformaram depois de sete anos no terreno, e eles nunca foram picados por moscas tsé-tsé.

Os manipuladores de Masaai, na Tanzânia, param e deixam os seus cães descansarem sempre que encontram uma sombra, mesmo antes de ser necessário haver um descanso. É melhor refrescar as baterias antes de ficarem totalmente gastas.

Um dia tivemos um cão que rastreou um caçador furtivo durante oito horas ao longo de um rio. Depois trouxemos um segundo cão. Este último teve um trilha de dois minutos antes de cruzarmos com o caçador furtivo.

Um dos nossos cães, Jerry, tem 14 anos de idade. Trabalhou como localizador durante oito anos. Reformou para viver numa boa casa e boa família em Arusha. A vida para estes cães pode ser muito boa na reforma. Passar tempo numa praia com areia branca na Tanzânia não é nada mau.

Existem alguns riscos para os manipuladores. Não queremos que sejam identificados. As suas faces são escondidas e viajam em veículos com vidros fumados. Se forem muito bem-sucedidos, estão em risco.

As pessoas questionam a eficácia das equipas que não fazem descobertas regularmente. Mas não deve ser assim. Desde que os nossos cães estiveram no aeroporto de Moçambique [em Maputo], a palavra que se houve nas ruas é de que não se pode transportar nada ilegal através do aeroporto porque será apanhado pelos cães. Nada disso! É um efeito profilático — não apreendemos nada porque os cães convenceram a todos que serão apanhados.

ADF: Fale um pouco sobre como são as coisas no terreno.

Powell: Quando você é um caçador furtivo no terreno, pode ser perseguido por cães durante todo o trajecto até à sua casa. Nós recolhemos a areia da pegada. Se perdemos o rasto, utilizamos o senso comum e vamos para a próxima paragem ou aldeia, até a uma distância de 20 quilómetros. Lá, nós apresentamos a areia ao cão de novo. Na segunda ou terceira aldeia, o cão apanha o rasto. Nós vamos ter com o caçador furtivo e dizemos “amigo, vem connosco.” Eles pensam que é feitiçaria.

Nós fazemos filas onde alinhamos os suspeitos. Os cães irão identificá-los. Os furtivos começam a contar toda a sua história.

À esquerda: Director da Caninos para a Conservação, Will Powell, trabalha com um cão.
AFRICAN WILDLIFE FOUNDATION

Continuação da pág. 21

Nacional da África do Sul. Mas ainda assim, com todo este dinheiro gasto e com todos estes esforços, centenas de rinocerontes são caçados clandestinamente todos os anos no Kruger. Assim, as caças furtivas baixaram recentemente, em parte, porque restam cada vez menos rinocerontes para caçar, tendo o número dos mesmos sofrido um declínio no Kruger desde 2011.

Enquanto os oficiais responsáveis pela fauna bravia procuram novas formas de proteger rinocerontes, elefantes e outros animais dos caçadores furtivos, eles cada vez mais confiam no uso de cães altamente treinados — “cães com graus de mestrado,” como alguns os chamavam.



Um membro da Unidade Canina de Combate a Caça Furtiva do Parque Nacional Kruger e seu cão fazem patrulha no parque. AFP/GETTY IMAGES

Os cães vêm de outras partes do mundo para se juntarem à missão. A Irlanda enviou um velho Pastor-holandês de 14 anos chamado Scout para uma reserva da África do Sul. O jornal *The Independent*, do Reino Unido, reportou que esses cães, devidamente treinados, são avaliados em mais de 30.000 dólares e podem ser utilizados para “proteger os rinocerontes, os fiscais do parque e os demais trabalhadores da reserva.” Embora o cão da Irlanda tenha sido altamente treinado, ele começou a fazer um curso de treino intensivo na África do Sul para estar preparado para o seu novo ambiente.

Depois temos o Drum, que tinha 10 meses de idade em 2019 quando chegou ao Ol Peteja Conservancy, no Quênia. A instituição de caridade Animals Saving Animals treinou o Spaniel, vindo do Reino Unido. O cão, disse o

Conservancy, provou ter “habilidades excepcionais” para detectar munições e armas. Na essência, o seu trabalho envolve a busca em veículos.

“Eu escolhi-o a dedo numa ninhada quando ele tinha 8 semanas de idade,” disse o adestrador Daryll Pleasants ao Conservancy. “Ainda enquanto cachorrinho, andava sempre a saltitar por aí, e isso é perfeito para o trabalho; é um papel muito activo.”

A Animals Saving Animals foi fundada em 2016 e agora adestra cães para serem usados em todo o mundo. Pleasants acredita que os seus cães ajudaram a reduzir a caça furtiva em algumas regiões em até 72%.

CÃES PROVENIENTES DE TODO O MUNDO

Cães de várias raças, incluindo Pastor-belga Malinois, Weimaraners, Springer Spaniels Ingleses, Pastores-alemães e Perdigueiros alemães de pêlo curto, foram enviados para África para perseguirem caçadores furtivos, farejar contrabando em aeroportos e dar assistência em pontos de paragem de veículos.

Sob boas condições, um cão pode detectar a presença de um caçador furtivo até um quilómetro de distância. Isto faz com que os oficiais do combate contra a caça furtiva estejam melhor equipados para

rastrear à noite e cobrirem mais espaço.

A African Wildlife Foundation iniciou o seu programa, Caninos para a Conservação (Canines for Conservation), em 2014. Desde então, os cães participaram em 400 apreensões de material ilegal proveniente da caça furtiva, tais como marfim, chifres de rinoceronte e escamas de pangolim. A maior parte dos produtos eram levados para a China e outras partes do sudoeste asiático para serem utilizados em falsos produtos medicinais chineses. Os trabalhadores do sector da fauna bravia que nunca tinham trabalhado com cães, a não ser talvez com cães de guarda, passaram a respeitar os animais.

“Manipular cães passou a ser um trabalho procurado entre os funcionários das autoridades do sector da fauna bravia na Tanzânia, Quênia, Uganda, Moçambique e, mais recentemente, Camarões,” escreveu Albert Schenk, da Wildlife Conservation Society, na sua página do Tweeter. Os manipuladores de cães geralmente aprendem a trabalhar com eles durante um período de 8 a 10 semanas. O Director da Caninos para a Conservação, Will Powell, disse à BBC que o programa é uma parceria público-privada com governos que os ajudam a desenvolver unidades caninas nas suas organizações de conservação da fauna bravia.

“Isso inclui estratégia, procedimentos de operação

Um cão-de-santo-humberto segue um rasto durante um treino no sul do Quênia. AFP/GETTY IMAGES



padrão e protocolos veterinários,” acrescentou. “Com a ajuda deles, seleccionamos fiscais e treinamo-los como manipuladores de cães localizadores.” Powell escolhe os seus cães na Europa, em países que já têm uma cultura de trabalhar com cães. A sua carreira como adestrador de cães começou quando os ensinava a detectar minas terrestres.

A primeira turma da Caninos para a Conservação graduou em Julho 2015, juntamente com manipuladores dos Serviços do Sector da Fauna Bravia do Quênia e da Divisão da Fauna Bravia da Tanzânia. Os cães foram enviados para trabalhar em aeroportos primários e portos marítimos dos dois países. Desde Janeiro a Agosto de 2016, equipas de cães sediadas no Aeroporto Jomo Kenyatta, no Quênia, descobriram mais de 26 esconderijos de marfim e escamas de pangolim.

CÃES AGRESSIVOS PARA A PERSEGUIÇÃO

Os cães de Powell são rastreadores, não são cães para atacar. Mas os adestradores de outras organizações, às vezes, seguem uma abordagem diferente. No Zimbabwe, os cães treinados por Pleasants são equipados com armadura para autodefesa.

Em 2018, dois cães com armadura, Polaris e Rogue, rastrearam caçadores furtivos e cobriram território suficiente em uma hora na escuridão para encontrar os homens.

“Os caçadores entraram em pânico, deixaram cair o seu equipamento, incluindo munições de calibre pesado e renderam-se,” reportou o *The Independent*, do Reino Unido. “Antes de anoitecer, a equipa da caça furtiva interceptou e apreendeu uma gangue e recuperou armamento perigoso.”

“À noite, quando os nossos olhos se tornam inúteis, é quando o nariz do cão realmente nos ajuda,” disse um adestrador de cães ao site de notícias Insider. “A ideia é de ter a equipa suficientemente perto do caçador para que depois se consiga fazer a apreensão.”

MALINOIS VERSÁTIL

A raça belga Malinois, que é semelhante aos Pastores-alemães, provou ser útil no rastreamento de caçadores furtivos por causa da sua inteligência, força, agilidade e, em alguns casos, a força da mordida. A raça já foi utilizada em operações militares em todo o mundo e como cão de guarda. Alguns adestradores dizem que um cão e o seu manipulador podem cobrir uma área 60 vezes maior do que a área coberta por um fiscal sem cão.

Conraad de Rosner, fundador e director da K9 Conservation, é conhecido pelo seu trabalho com Weimaraners e Malinois. Ele disse, à *Africa Geographic*, que utiliza Weimaraners para rastrear animais, detectar restos de animais e capturar animais em armadilhas e localizar animais feridos. Os seus Malinois costumavam rastrear suspeitos humanos, detectar armas de fogo e munições e utilizar a força, se for necessário.

“Embora ambas as raças sejam classificadas como

‘cães de patrulha’, as suas funções de alguma forma são diferentes, mas, muitas vezes, as suas habilidades complementam-se e eles ajudam-se um ao outro no terreno,” comentou. “Por essa razão e dependendo da situação, dois fiscais, cada um com uma raça de cão diferente, são, às vezes, enviados para trabalhar juntos. Todos os nossos cães estão treinados para fazer o trabalho de protecção e são capazes de apreender um suspeito caso haja necessidade. Estes cães são treinados especialmente para morder ou para apreender um suspeito apenas ao serem comandados e para deter um suspeito com uso de força mínima.”



Um fiscal salta de um helicóptero com um cão durante um exercício de combate contra a caça furtiva no Quênia. AFP/GETTY IMAGES

Todos os adestradores dizem que é essencial não deixar os cães sobreaquecerem. Os cães, principalmente da Europa, têm de ser protegidos do calor que nunca conheceram antes. Alguns vestem coletes à prova de balas Kevlar, cujo preço inicial é de 500 dólares. De Rosner disse que existem empresas que agora estão a testar coletes à prova de bala leves para cães, com uma massa gelatinosa que pode ajudar a regular a temperatura do cão em ambientes quentes ou frios.

Uma outra grande ameaça para os cães é a doença do sono, transmitida pela picada da mosca tsé-tsé. Pode matar os cães se não for detectada precocemente. Os manipuladores vão até aos extremos para proteger os cães das moscas, especialmente à noite. Os cães quase sempre necessitam de manutenção. Devem ter casas especiais para os proteger e alimentam-se de ração de alta qualidade. Mesmo assim, são económicos.

“Embora os cães não sejam uma solução mágica na luta contra a caça furtiva, eles são um grande multiplicador da força de segurança,” disse Pleasants, da Animals Saving Animals, à BBC Earth. “Um cão é capaz de garantir a segurança da mesma extensão de área que fariam sete fiscais.” □

— A SUA VIDA ATRAVESSOU — GERAÇÕES



Quando Fredie Blom nasceu, o automóvel estava na sua infância, o primeiro avião tinha menos de um ano de idade e a Primeira Guerra Mundial estava no futuro.

Mais de 116 anos mais tarde, Blom ainda andava por aí com a ajuda da sua bengala. Nos dias quentes, ele sentava-se fora da sua casa, num bairro da cidade do Cabo, chamado Delg, na África do Sul, e fumava os seus amados cigarros.

“Vivi todo este tempo pela graça de Deus”, disse Blom à Agence France-Presse, no dia do seu aniversário, em Maio de 2020. Entretanto, três meses depois, veio a falecer por causas naturais.

Blom nasceu em 1904, em Adelaide, uma aldeia rural na província de Eastern Cape, na África do Sul. Na altura do mais recente aniversário de Blom, um britânico de 112 anos de idade tinha sido oficialmente declarado como o homem mais velho do mundo pelo Guinness World Records. A idade de Blom ainda não tinha sido confirmada pelo Guinness.

Ele ganhou a distinção de estar vivo depois de duas pandemias globais notáveis, a primeira das quais a tão chamada gripe espanhola de 1918. Aquela gripe tirou a vida de toda a sua família.

Mesmo assim, a COVID-19 não deu a Blom um motivo para entrar em pânico. Ele estava a seguir em frente nesta última pandemia. Confessou consternação quanto a uma das disposições do lockdown da pandemia na África do Sul: a proibição da venda de cigarros. O governo mais tarde facilitou a venda de tabaco, o que ajudou a ver cumprido o seu desejo de aniversário.

Enquanto a família celebrava o seu aniversário, Blom — carinhosamente tratado por “Oupa”, que significa avô — caminhou para fora da sua casa para se sentar numa poltrona de madeira. A enteada esfregou as mãos dele com desinfetante. A esposa, Jeanette, de 86 anos de idade, juntou-se a ele. Eles ficaram casados por 46 anos.

As crianças do bairro e os netos da sua esposa fizeram-lhe uma serenata com a canção de aniversário e deliciaram-se de um prato quente de comida oferecido pela família de Blom.

Blom não ia ao médico por mais de dois anos, antes de morrer. Ele disse que estava cansado de ser picado e pressionado.

Blom nunca teve filhos, mas adoptou os dois que Jeanette teve num casamento anterior. “Ele fez tudo para nós”, disse a sua enteada, Jasmien Toerien, em Maio. “Acordava às três ou quatro da manhã para pedalar até ao serviço. E gosta de animais e de jardinagem”.

A sua vida terminou de forma repentina. Blom morreu no dia 22 de Agosto de 2020, de causas naturais, no Hospital Tygerberg, na cidade do Cabo. Duas semanas antes, ainda “estava a rachar a lenha”, disse Andre Naidoo, porta-voz da família.

Preparando-se para a Segurança do Amanhã

A Cimeira das Forças Terrestres Africanas Desafia Líderes Militares a Olharem para o Futuro

EQUIPA DA ADF

Vinte anos atrás, poucos tinham ouvido falar sobre guerra cibernética. O extremismo religioso não era considerado uma ameaça para muitos países. Pensava-se que a pirataria já tinha sido erradicada há um século.

As coisas podem mudar rapidamente.

Quando os chefes das forças terrestres de toda a África se reuniram em Adis Abeba, Etiópia, no mês de Fevereiro de 2020, estavam a perspectivar o futuro. A Cimeira das Forças Terrestres Africanas (ALFS, sigla em inglês), um evento de quatro dias, financiado pelo Exército Africano dos Estados Unidos (USARAF) e co-organizado pelas Forças de Defesa Nacional da Etiópia (ENDF), foi uma oportunidade para perspectivar o horizonte e começar a preparar para enfrentar ameaças que serão mais prevaletentes daqui a alguns anos.

“É sempre mais fácil prevenir do que remediar,”

disse o Gen. Birame Diop, Chefe do Estado-Maior da Defesa do Senegal, aos líderes presentes.

A antecipação estava na agenda. O tema da ALFS 2020 foi “A segurança do amanhã exige liderança hoje.” Os tópicos incluíam preparar-se para calamidades naturais, estudos de caso em missões multinacionais de manutenção da paz e modernização do ensino militar para satisfazer as exigências do Século XXI. Diariamente havia sessões em que os participantes se dividiam em grupos menores para estarem em salas privadas, sob a moderação de especialistas no assunto. Lá, os líderes de defesa tiveram a oportunidade de falar livremente e criar relacionamentos com as suas contrapartes de outras partes do continente.

“Isso cria um ambiente favorável para que os chefes de segurança africanos se conheçam uns aos outros,” disse o Tenente-General Molla



EQUIPA DA ADF

Hailemariam, comandante das forças terrestres das ENDF e co-organizador do evento. “É uma oportunidade de construir relacionamentos e continuá-los.”

A 8ª ALFS contou com a presença de 42 chefes das forças terrestres africanas, oito aliados e parceiros globais da Europa e de outras partes do mundo, e ainda 12 parceiros de Estado vindos dos Estados Unidos da América.

Molla disse que está confiante de que as alianças feitas durante o evento serão duradouras. “Foi uma boa oportunidade para vermos como podemos complementar aquilo que os outros países estão a fazer,” afirmou. “Estamos a interagir a nível de um-por-um mas também regionalmente. É muito crucial.”

O destaque da semana foi para o fórum de Líder Veterano Alistado do Comando, que decorreu na mesma altura. O Comandante do USARAF, Brigadeiro Charles W. Gregory Jr. disse que edificar um corpo capacitado de oficiais não comprometidos (NCO) em África será de vital importância para melhorar o treino e o uso da tecnologia nos exércitos nacionais.

Ele disse aos participantes que “todo comandante tem um sargento”, e um sargento capacitado pode ajudar o comandante a identificar os “ângulos mortos” na estrutura das forças e preparar-se para futuros desafios.

“Se estiver sempre preparado para aquilo que espera, e ore para que nunca aconteça, quando esse dia mau chegar você estará preparado,” aconselhou Gregory.

Os EUA investiram na ajuda a exércitos africanos para treinar as próximas gerações de NCOs através da sua Estratégia de Desenvolvimento dos Alistados de África, que opera para normalizar o treino de NCO em países como o Quênia, Marrocos, Moçambique e Senegal. O General Stephen Townsend, comandante do Comando Africano dos Estados Unidos, chama um corpo profissional de NCO “a espinha dorsal” de uma força eficaz.

O evento recebeu a sua primeira participante do sexo feminino, subtenente júnior Menbere Akele Kibert, da

Etiópia. Ela disse aos participantes que as mulheres estão a fazer progresso no exército etíope, em particular, no domínio cibernético, mas ela gostaria de ver mais.

“Nas Forças Aéreas Etíopes, temos muitas técnicas, engenheiras e especialistas. Mas não é suficiente; é muito pequeno em termos de número”, lamentou ela. “Então, como melhorar e incluir mais participação da mulher e as capacitar em todos os aspectos da vida militar? Especialmente em cargos profissionais ou de liderança.”

“Estamos a interagir a nível de um-por-um mas também regionalmente. É muito crucial.”

~ Tenente-General Molla Hailemariam, da Etiópia

Em jeito de considerações finais, Townsend destacou a importância do tempo do evento. Ele destacou igualmente a eminente transferência de responsabilidades de segurança na Somália, da Missão da União Africana na Somália para as Forças Armadas Nacionais da Somália, em 2021. Falou sobre a complicada guerra civil da Líbia e referenciou a ameaça de terror que assola o Sahel. Os que lidarão com esta e outras ameaças à segurança, disse Townsend, “estão sentados aqui nesta sala.”

“Estamos num ponto decisivo colectivo em relação ao futuro da segurança de África,” disse, acrescentando que “o futuro que todos desejamos ver, uma África mais segura, estável e próspera, está centrado na liderança africana e nos exércitos africanos que garantem a segurança regional.”



Participantes saúdam-se durante a Cimeira das Forças Terrestres Africanas, em Adis Abeba, Etiópia, em Fevereiro de 2020. USARAF



Major-General Lapthe Chau Flora, do exército americano, segundo comandante do Exército Africano dos Estados Unidos, saúda os delegados da ALFS 2020. USARAF

Pontos de vista da Cimeira

Durante a ALFS 2020, os comandantes falaram com a ADF e compartilharam as suas ideias sobre as questões de segurança mais prementes nos seus países de origem, tendo destacado as lições que aprenderam na conferência. Abaixo se encontram os pontos de vista de quatro líderes do sector da segurança do continente.

TEXTOS E FOTOS DA EQUIPA DA ADF



Um Exército em Ascensão

A República Centro-Africana (RCA) está a reconstruir as suas Forças Armadas a partir do zero. Depois de uma crise nacional, entre 2013 e 2014, muitas unidades das Forças Armadas Centro-Africanas dissolveram-se, e o país começou uma campanha nacional para recrutar, treinar e profissionalizar as Forças Armadas.

Ainda em 2018, a maior parte do país estava sem ordem e era controlada por rebeldes e outros actores diferentes do Estado. Um Plano Nacional de Defesa assinado pelo presidente da RCA destaca os passos para criar uma tropa de guarnição de 9.900 pessoas posicionadas em quatro zonas até 2022. Cerca da metade dos soldados ficará posicionada fora da capital, Bangui, muitos deles em zonas controladas por rebeldes.

O Brigadeiro-General Alfred Service, líder do Grupo Especial da RCA para a Protecção da República, disse haver muito trabalho a ser feito, mas ele é optimista. “Temos muitos desafios por vencer: o desenvolvimento, uma situação desafiadora de segurança na maior parte do país, grupos armados que ocupam zonas de minérios e não respeitam a lei, bandidos que devem ser trazidos para a justiça.”

Service disse que usou o seu tempo na ALFS para partilhar experiências com colegas oficiais sobre aspectos específicos do trabalho em parceria com uma missão multinacional. A RCA é a base de uma missão das Nações Unidas composta por 13.000 pessoas.

“Falamos sobre o aspecto multidimensional desta coisa: assuntos de natureza política, assuntos de natureza civil, protecção de civis. Existe



Brigadeiro-General Alfred Service, líder do Grupo Especial para a Protecção da República Centro-Africana

também o processo de tomada de decisões em missões multinacionais,” disse Service. “Um certo número de coisas a saber de modo a caminharmos juntos na mesma direcção.”

Tal como disse nos princípios de 2020, Service olha para as eleições nacionais da RCA, previstas para Dezembro, como um marco para o país. “A reconstrução do país necessita da democracia,” recomendou. “Tivemos as eleições de 2015 sob a supervisão da ONU. Agora devemos continuar com eleições porque para termos autoridades legítimas, devemos evitar a troca de poder através do uso da força. São as eleições que devem ser valorizadas pelo povo para dar um mandato aos líderes.”

O caminho tem sido sinuoso, mas Service disse estar esperançoso em relação ao futuro do país. “Existem desafios que permanecem, mas estamos a avançar na direcção certa porque estamos nesta direcção juntos.”



Uma Experiência de Manutenção de Paz Conquistada com Muita Dificuldade

O Brigadeiro-General Gilbert Mulenga, chefe de operações do exército da Zâmbia, já viu os altos e baixos da manutenção da paz. Ele serviu em missões em Angola, República Democrática do Congo e Serra Leoa e comandou o batalhão da Zâmbia (ZAMBATT) na República Centro-Africana (RCA).

Recorda o desespero que sentiu no ano 2000, quando mais de 200 elementos zambianos da força de manutenção da paz foram mantidos reféns na Serra Leoa. Mas também partilhou do triunfo de 2018, quando as Nações Unidas classificaram os zambianos como o contingente com maior desempenho na missão da RCA.

Ele lembrou que o seu país traz uma história rica para o treino de manutenção da paz. “Os nossos treinos são baseados no cenário; o que quer que esteja a acontecer na RCA, nós trazemos esse cenário para as tropas e observamos como eles reagem,” explicou.

“Aqueles que já estiveram no terreno, vocês os orientam. Sempre que virem uma lacuna, fechem-na através da orientação, a qual vem da experiência.”

O mais recente destacamento de tropas, conhecido como ZAMBATT 5, é o quinto contingente zambiano a servir na RCA. Mulenga disse que, quando começaram os treinos, há cinco anos, eram 100% dirigidos por formadores dos EUA e outras forças estrangeiras. Agora são dirigidos por zambianos, com formadores dos EUA a servirem essencialmente como observadores.

“Agora nós fornecemos o grosso dos instrutores; a maior parte deles possuem experiência dessas missões, em particular, na RCA. Por isso, eles também partilham experiências com os soldados,” disse Mulenga.

A missão na RCA não é tranquila. Mulenga disse que os seus homens enfrentaram rebeldes que disparavam foguetes de morteiros de 107 mm montados sobre Land Cruisers. Preparar-se para a realidade requer uma mudança no treino.

“Os soldados novatos, que vão para as missões, devem ser preparados psicológica, mental e fisicamente,” frisou. “Na verdade, não é um ambiente onde haja paz para manter, mas uma paz para fazer cumprir.”

Durante o seu tempo na ALFS, Mulenga falou com os seus colegas comandantes sobre a necessidade de adaptar-se à guerra assimétrica, a necessidade de ter consciência situacional ao entrar no ambiente operacional e, acima de tudo, a importância de se compreender as atribuições da missão. “Se não compreender as suas atribuições poderá estar a operar à margem delas,” disse. “As atribuições da ONU devem ser protegidas a todo o custo.”



Brigadeiro-General Gilbert Mulenga, chefe de operações do exército zambiano



A Saúde nas Linhas da Frente

A preparação para a pandemia foi um assunto de destaque durante os primeiros meses de 2020 enquanto a COVID-19 se alastrava pelo mundo.

Para o Brigadeiro General Tensai Yilma Mequantie, comandante interino da área da saúde da Força de Defesa Nacional da Etiópia (ENDF), esta é uma preocupação contínua.

“O exército está muito exposto em comparação com outros sectores,” destacou. “Os soldados estão na linha da frente, movimentam-se para aqui e para lá. Têm comunicação com grande parte da sociedade e estão directamente expostos a pandemias.”

Antes do primeiro caso de COVID-19 ter sido declarado na Etiópia, a ENDF criou um comité para desenvolver um plano de prevenção e coordenar com o Ministério da Saúde. A ENDF também contou com o conhecimento trazido da experiência de 26 soldados etíopes que foram destacados para Libéria durante o surto do Ébola de 2014 para dar apoio médico.

“Como exército, estamos a trabalhar com um conhecimento comum, conhecendo a fonte da doença, a transmissão da doença e como estamos a controlá-la,” disse Tensay. “Este conhecimento deve ser transferido para o exército, ensinando, por meio de demonstrações.”

A ENDF, tal como muitas forças de segurança em África, é vulnerável a doenças como HIV / SIDA, malária e cólera. Tensay disse que a ENDF registou sucesso notável contra o alastramento da malária. Ele apontou para o sistema de aviso antecipado da doença e os “grupos eficazes de vigilância” no exército, que fazem a monitoria de surtos e dão treinamento sobre as melhores práticas.

“A malária é uma doença endémica no nosso país,” disse a ADF. “No passado, muitas pessoas morreram por causa da malária, mas hoje

não. Temos muito equipamento de protecção, incluindo, um creme repelente utilizado para a protecção, redes mosquiteiras, tratamos de forma adequada os nossos uniformes [para repelir mosquitos].”

Tensay disse que a ALFS é uma oportunidade para o pessoal médico do exército etíope fazer o uso das parcerias feitas durante o Justified Accord em 2019, um exercício do Exército Africano dos Estados Unidos, na Etiópia. Durante o exercício militar, médicos do 212º Hospital de Campanha do exército americano, a 30ª Brigada Médica, formaram o pessoal do Hospital das Forças Armadas, em Adis Abeba. Tensay disse que a parceria entre os dois países foi fortalecida desde aquela altura e agora inclui formação sobre tratamento das vítimas de combate.

“Esta é uma oportunidade de nos reunirmos para que, no futuro, durante qualquer tempo de guerra ou qualquer tempo difícil, tenhamos um conhecimento comum,” disse Tensay. “Preparamo-nos juntos.”



Brigadeiro-General Tensai Yilma Mequantie, comandante interino da área da saúde da Força de Defesa Nacional da Etiópia



Preparando-se para o Pior

Para as Ilhas Maurícias, a segurança começa com a preparação para os desastres. A pequena nação insular do Oceano Índico está exposta a ciclones, tsunamis e inundações.

Mas se o país tem desvantagens geográficas, Khemraj Servansing, comissário-adjunto da polícia das Ilhas Maurícias, acredita que a preparação oferece ao país uma vantagem. “Estamos expostos a calamidades naturais. É a natureza, e não se pode mudar,” disse. “O nosso governo investiu massivamente em questões relacionadas com a redução de riscos de desastres naturais.”

Servansing lidera o Centro de Gestão e Redução do Risco de Desastres das Ilhas Maurícias, que foi criado em 2015. Quando uma ameaça, como um ciclone, é detectada, o país activa um Centro Nacional de Operações

de Emergência com várias agências. O Comité Nacional de Crises coordena com os centros de gestão de emergência locais em cada um dos 12 municípios do país. O processo deve ser perfeito. Em caso de um tsunami, eles terão menos de seis horas para tirar os cidadãos para zonas seguras.

“O foco agora não está apenas na resposta,” disse Servansing. “Não esperamos que o desastre aconteça. Mas temos de ser proactivos.”

As Ilhas Maurícias também criaram um mapa de risco de inundações e investiram 2% do seu produto interno bruto anual em medidas de resiliência. A preparação é cara e requer muito tempo, mas Servansing acredita que vale a pena.

Há quatro anos, a infra-estrutura de resposta do país chegou a fazer com que fosse a 13ª nação mais vulnerável a desastres do mundo, de acordo com o World Risk Report. Até 2019, esse número tinha baixado para a 47ª posição.

“Reduz-se o risco porque, se houver um evento grande, as perdas económicas que o país incorrerá serão muitas, muito mais do que aquilo que iremos investir na redução de risco de catástrofes,” disse Servansing.

Na ALFS, Servansing estava mais interessado em ouvir de países e especialistas com experiência em calamidades naturais em grande escala. Todos os países, disse ele, devem ter um plano para coordenar a ajuda que irão receber, para supervisionar as acções de organizações não-governamentais e permitir que os bens de ajuda humanitária sejam desalfandegados e entrem no país.

“Organizar a recepção para todas estas organizações entrarem no seu país não é tarefa fácil. É muito complicado,” comentou. “É o país anfitrião que tem de apropriar-se disso. É necessário que você dirija a operação, não eles. Então, temos de ter um plano.”

Khemraj Servansing, comissário-adjunto da polícia das Ilhas Maurícias e oficial responsável do Centro de Gestão e Redução do Risco de Desastres da Nação



PRESERVANDO UMA TRADIÇÃO DE MANUTENÇÃO DA PAZ

Etiópia Traz Sete Décadas de Experiência para um Centro de Formação de Apoio à Paz

EQUIPA DA ADF

Quando a Coreia do Sul enfrentou uma incursão comunista vinda do Norte, em 1950, pediu apoio ao mundo. Um país em África respondeu ao chamamento: a Etiópia.

O Imperador Haile Selassie formou um batalhão dentre os seus Guarda-costas Imperiais e destacou-o para lutar sob a bandeira das Nações Unidas.

Na altura em que o conflito terminou, o Batalhão Kagnew da Etiópia tinha ganhado o respeito dos seus aliados e inimigos. O heroísmo dos soldados durante uma batalha em que estavam em desvantagem numérica, em “Pork Chop Hill”, tornou-se uma lenda. Na verdade, dizia-se que a Etiópia era o único contingente que nunca perdeu um prisioneiro ou deixou um camarada morto no campo de batalha.

“Éramos os melhores soldados. Os três batalhões etíopes lutaram em 253 batalhas, e nenhum soldado etíope foi levado como prisioneiro na Guerra Coreana”, o veterano de combate Mamo Hebtewold disse à BBC. “Esse era o nosso lema etíope: ‘Nunca seja capturado no campo de guerra’”.

Foi o começo de uma longa tradição. Desde essa altura, a Etiópia já participou em 13 missões das Nações Unidas,

em países que vão desde o Haiti ao Iémen. Hoje, com mais de 6.600 tropas a servirem em quatro missões de manutenção de paz da ONU, a Etiópia é o que mais contribui com pessoal para as missões da ONU no mundo.

Quase todos os seus elementos da força de manutenção da paz da ONU estão distribuídos em três missões no Sudão e Sudão do Sul e mais 4.000 tropas servem na Missão da União Africana na Somália.

O foco da Etiópia sobre as nações vizinhas é algo planificado. O Coronel Elias Seyoum Abrha, comandante do Centro de Treinamento de Apoio à Paz da Etiópia, disse que vem de uma antiga crença nacional na “interdependência da segurança”.

“A segurança deles está interligada com a nossa segurança”, disse Elias. “Se acontecer algo de errado com os nossos vizinhos, isso nos afecta”.

CENTRO DE TREINAMENTO PROMETE NOVA ERA

Apesar deste compromisso profundo com a manutenção da paz, até bem pouco tempo os elementos etíopes da força de manutenção da paz tinham acesso limitado a treinos de preparação e treinos específicos para missões.



Um soldado etíope da missão de manutenção da paz que trabalha em Darfur, Sudão, saúda um jovem.

UMA OPERAÇÃO HÍBRIDA ONU-UNIÃO AFRICANA EM DARFUR



Um sinal deseja as boas-vindas aos visitantes do Centro Etíope de Apoio à Paz.

EQUIPA DA ADF



Tropas dos EUA e Etiópia treinam no Centro de Formação de Contingentes de Hurso. O centro oferece formação de preparação pré-destacamento para elementos da força de manutenção da paz.

EXÉRCITO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS



Líderes militares participam numa reunião de balanço no Centro Etíope de Apoio à Paz. EXÉRCITO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS

Isto mudou em Junho de 2015 com a abertura do Centro Etíope de Apoio à Paz, em Adis Abeba. As instalações de 6,2 milhões de dólares foram parcialmente financiadas pelo Reino Unido e pelo Japão. O montante destina-se a oferecer formação que eleva a manutenção da paz para uma verdadeira especialidade militar e para preparar o pessoal para as complexidades e os perigos das missões modernas.

O centro oferece 28 cursos funcionais e temáticos numa variedade de tópicos que incluem a protecção de civis, gestão de conflitos, coordenação e mediação civil-militar. Desde que iniciou, já formou mais de 6.300 pessoas incluindo cerca de 32% que vêm de outros países de África.

“Estamos abertos para todos os africanos, para compartilhar a nossa experiência”, convidou Elias.

Os formadores do centro também gerem o Centro de Formação de Contingentes de Hurso, numa zona rural de Etiópia, a cerca de 400 quilómetros a este da capital. Neste acampamento acidentado, os soldados da manutenção da paz passam por aulas de preparação pré-destacamento e treinos de campo que, em geral, duram cerca de três meses.

Hurso oferece três módulos: um curso genérico que cumpre com os requisitos das missões da União Africana ou da ONU; cursos especiais para habilidades como logística ou medicina de combate; e cursos específicos para

missões que visam responder aos desafios de ambientes como a Somália, o Sudão do Sul e Darfur. Cerca de 11.500 soldados são formados em Hurso anualmente.

“Em todas as missões, temos um pacote diferente para os seus treinos”, revelou Elias. “Quando falamos sobre uma formação dinâmica, é isto que significa: sempre acrescentando e melhorando com base nas lições aprendidas”.

CRIAR IMPACTO

A capacidade doméstica da Etiópia para treinos de manutenção de paz é rara em África. Recentemente, os países que contribuem com tropas tiveram de competir para espaços limitados em salas de aula em todo o continente. Aumentar a capacidade de formação em África tem sido um ponto enfatizado pela ONU, que quer aumentar a avaliação do desempenho das tropas durante as missões e oferecer ensino contínuo.

“Conforme se sabe, a melhoria do desempenho reduz as fatalidades”, disse o Secretário-Geral da ONU, António Guterres. “Sendo assim, a formação é um investimento necessário e estratégico de manutenção de paz — e é uma responsabilidade partilhada entre os Estados-membros e o secretariado”.

A Etiópia acredita que o seu investimento na formação está a criar um impacto. Em Darfur, o contingente



Manutenção da Paz Etíope ao Longo dos Anos

Anos Contados	Área da Missão	Participação
1951-1953	COREIA	6.037
1959-1962	CONGO	10.425
1993-1995	RUANDA	1.696
2003-2010	LIBÉRIA	17.714
2007-2019	DARFUR, SUDÃO	22.500
2011-2019	ABYEI	31.326
2014-2019	SOMÁLIA	26.538
2014-2019	SUDÃO DO SUL	8.750
TOTAL:		124.986

Fonte: Centro Etíope de Apoio à Paz

etíope foi destacado pelo comandante da força que o elogiou por ir “além das tarefas da missão” e ajudar a população local abrindo furos e mediando conflitos. Em Abyei, uma zona disputada e reclamada pelo Sudão e pelo Sudão do Sul, 1.900 elementos etíopes da força de manutenção da paz receberam medalhas da ONU pelos ganhos tidos na região de conflito durante um destacamento de oito meses.

A Etiópia também aumentou o número de elementos da força de manutenção da paz femininos para mais de 600, um ponto enfatizado no centro de formação. O governo etíope comprometeu-se em aumentar ainda mais estes números. Em 2016, a Brigadeiro-General Zewdu Kiros Gebrekidan foi nomeada comandante-adjunta da Força de Segurança Interina das Nações Unidas para Abyei, fazendo com que ela fosse uma das poucas mulheres a ser nomeada para esse cargo.

Os líderes militares e civis da Etiópia dizem que pretendem continuar esta dedicação para com a manutenção da paz por muitas e longas décadas.

“Quaisquer que sejam os problemas que enfrentamos, alcançaremos a paz e a segurança, mesmo se tivermos que sacrificar a nossa própria vida”, disse o Capitão Gabrihiwot Gebru, comandante-adjunto do Batalhão Etíope da Missão da ONU no Sudão do Sul. □



ACESSO AO PORTO COM UMA VANTAGEM

Um Acordo Global Luta Contra a Pesca Ilegal Impedindo que os Prevaricadores Desembarquem o Produto da sua Pilhagem

EQUIPA DA ADF

Quando os pescadores da Serra Leoa embarcam nos seus pequenos barcos de madeira e vão para o mar aberto em busca do seu pão de cada dia, às vezes, conseguem avistar os seus inimigos.

No horizonte do oceano flutuam grandes barcos de pesca e arrastões — quase todos estrangeiros e a maior parte dos quais chineses — esperando para recolher o produto da sua pesca feita com recurso a uma série de métodos ilegais e destrutivos. Perto de 70 arrastões trabalham em águas da Serra Leoa vinte e quatro horas por dia, de acordo com uma reportagem da BBC.

Às vezes, os arrastões manchados de ferrugem deixam cair pesadas portas de metal que afundam e ajudam a puxar redes pelo solo oceânico, destruindo vida e habitat preciosos. As grandes redes com aberturas capturam a vida marinha de forma indiscriminada, deitando detritos no frágil ecossistema enquanto avançam.

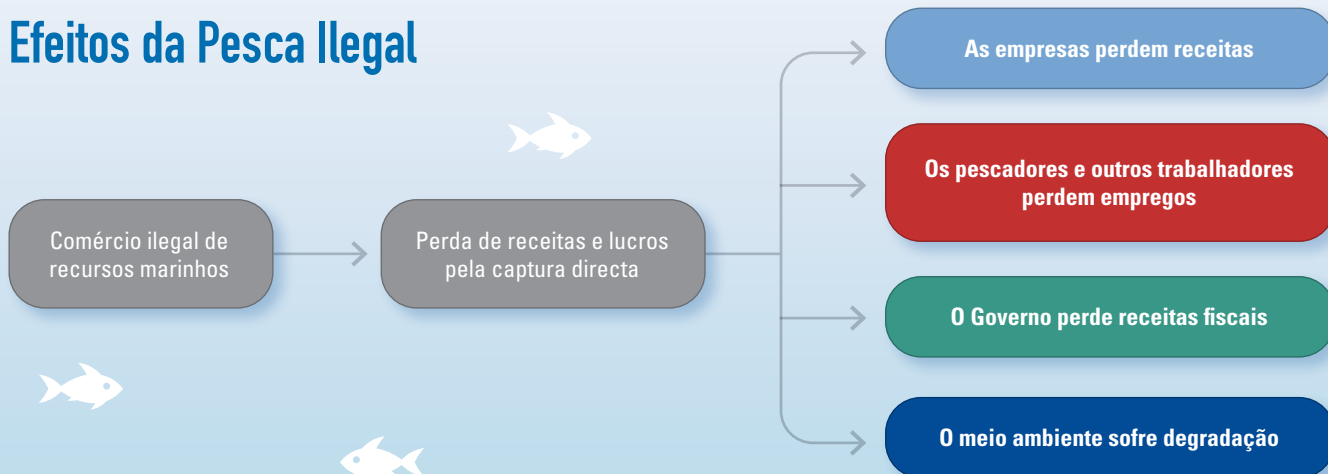
Por vezes, os barcos ligam as redes entre si e avançam como “arrastões emparelhados”, de novo capturando peixe numa escala industrial. Esta prática é ilegal nas águas da Serra Leoa. Algumas tripulações mentem em relação à quantidade da sua pesca (ou nem sequer informam), içam bandeiras falsas ou pescam em zonas proibidas. Outras vezes, trazem o seu peixe para a costa para vender, prejudicando os milhares de pescadores artesanais que dependem da venda de peixe para o seu sustento.

Outras vezes ainda, transferem o seu produto da pesca para embarcações maiores, que partem para portos estrangeiros da China, Rússia e outras partes, deixando as águas africanas esgotadas e os seus pescadores empobrecidos.



Um membro da tripulação de pesca chinesa senta numa canoa no porto de Freetown, próximo da embarcação de patrulha de pesca da Serra Leoa. AFP/GETTY IMAGES

Efeitos da Pesca Ilegal



Fonte: World Resources Institute

Mas o que aconteceria se depois deste seu engano e manipulação, estes pescadores ilegais não fossem capazes de atracar em nenhum porto e descarregar a sua captura? O que aconteceria se depois de todo o seu trabalho e esquemas não existisse lugar algum para onde pudessem levar o peixe – e não houvesse formas de vendê-lo?

ACORDO SOBRE MEDIDAS DOS ESTADOS DO PORTO

Em Junho de 2016, uma nova ferramenta global na luta contra a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN) entrou em vigor. O Acordo da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) sobre Medidas dos Estados do Porto para Prevenir, Impedir e Eliminar a Pesca Ilegal, Não Declarada e Não Regulamentada introduziu uma forma simples de lutar contra a pesca INN – ao limitar o acesso aos portos.

O Acordo sobre Medidas dos Estados do Porto (PSMA, sigla em inglês), como é popularmente chamado, é o primeiro pacto internacional vinculativo que visa lidar com a pesca INN. O seu potencial de acabar com o flagelo global é promissor. Procura impedir que aqueles que praticam a pesca ilegal desembarquem o produto das suas capturas nos portos, impedindo que mariscos adquiridos de forma fraudulenta cheguem aos mercados nacionais e internacionais.

“O Acordo sobre Medidas dos Estados do Porto é provavelmente a forma mais eficaz de tentar contrapor a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada, colocando o ónus sobre as embarcações de modo a, essencialmente, certificar-se de que qualquer pescado que desejarem desembarcar num certo país tenha sido capturado de forma legal”, disse o Dr. Ian Ralby, director-executivo da I.R. Consilium e especialista em assuntos marítimos.



Pescadores de Cabo Verde arrumam os seus barcos depois de uma manhã de pesca na Ribeira da Barca. AFP/GETTY IMAGES

O acordo representa um grande avanço na luta contra a pesca INN. Tira a ênfase da necessidade de perseguir, interceptar e julgar aqueles que desrespeitam os regulamentos nacionais e internacionais de pesca. O modelo é bastante complexo mesmo para as nações mais ricas por causa da imensidão do domínio marítimo. Sem uma força marítima global, disse Ralby a ADF, é impossível patrulhar os mares do mundo.

Com uma perspectiva centrada em portos, mesmo um país “que não possua um único meio naval” ou que tenha falta de consciência de domínio marítimo eficaz pode ter uma ferramenta potente para fazer cumprir uma lei capaz de lidar com a pesca ilegal, disse Ralby.

“O Acordo sobre Medidas dos Estados do Porto é provavelmente a forma mais eficaz de tentar contrapor a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada, colocando o ónus sobre as embarcações de modo a, essencialmente, certificar-se de que qualquer pescado que desejarem desembarcar num certo país tenha sido capturado de forma legal.”

~ Dr. Ian Ralby, director-executivo da I.R. Consilium

COMO FUNCIONA O ACORDO

O PSMA oferece mecanismos para vetar embarcações de pesca antes de poderem atracar em portos e descarregarem o seu produto. Também oferece aos barcos com um historial de conformidade e adesão às regras uma forma de serem “acelerados” ao entrarem em portos estrangeiros.

Em resumo, aqueles que seguem as regras são recompensados. Os que não seguem não são.

O Comité das Pescas do Centro-Oeste do Golfo da Guiné (FCWC) explicou que as autoridades levaram a cabo a implementação e a operação do acordo em coordenação com outras agências nacionais para analisar o risco, com vista a identificar embarcações de alto risco e decidir se se concede entrada no porto a um barco de pesca de bandeira estrangeira.

Em termos gerais, de acordo com o FCWC, uma embarcação que procura acesso a um porto nacional faria uma solicitação antecipada. A informação poderia depois ser verificada, cruzada com outras referências e analisada por autoridades de pescas, portos, navais e policiais. Se o estado do porto suspeitar que a embarcação tenha estado envolvida em pesca INN, pode recusar a entrada ou condicionar a entrada a uma inspecção.

Se não houver suspeita de pesca INN, as autoridades do porto podem conceder acesso da embarcação a todas as instalações, mas ainda assim poderá necessitar de inspecção. As embarcações com um histórico de conformidade podem ser recompensadas com controlos portuários mais eficientes sempre que quiserem entrar. Esta é a aceleração prevista no acordo.

Ralby disse ter ajudado as partes a pensarem sobre a cooperação interinstitucional necessária para identificar embarcações suspeitas e fazer com que o acordo funcione. O objectivo é de demarcar as indicações de comportamento ilícito através do acordo, que é diferente de procurar por uma embarcação envolvida em pesca INN em mar aberto.

“A realidade da questão é que o peixe deve desembarcar de modo a poder entrar na cadeia de fornecimentos, o que significa que para que a actividade ilícita de pesca INN seja rentável, eles têm de trazer o peixe para a terra

Continua na pág. 43

Acordo sobre Medidas dos Estados do Porto

Maior controlo sobre embarcações de bandeira estrangeira que devem:

- Usar os portos indicados.
- Submeter um pedido antes de entrar no porto, permitindo que haja tempo para que sejam feitas as verificações de diligências necessárias.
- Permitir que as inspecções ocorram no porto e fornecer a informação solicitada.

NÃO AUTORIZAR A ENTRADA AO PORTO:

A menos que isso represente um risco de segurança ou se for para a embarcação ser desmantelada.

As embarcações de pesca conhecidas como sendo ilegais ou suspeitas podem sofrer restrições de acesso ao porto.

São enviados alertas aos Estados relevantes.

PARTILHA DE INFORMAÇÃO COM AGÊNCIAS NACIONAIS:

- Polícia
- Guarda Costeira
- Marinha de Guerra
- Negócios Estrangeiros

COOPERAÇÃO REGIONAL E INTERNACIONAL:

- Estados de bandeira
- Estados do Porto da região
- Organizações do sector das pescas e forças-tarefa

A embarcação comunica
com as Autoridades do Porto

PEDIDO ANTECIPADO DE ENTRADA AO PORTO

REFERÊNCIA CRUZADA DA INFORMAÇÃO E ANÁLISE DE RISCO FEITA PELAS AGÊNCIAS RELEVANTES:

- Pescas
- Marinha de Guerra
- Polícia

Partilha de informação de forma
bilateral com as agências relevantes

Os resultados são comunicados ao
Ponto Focal Nacional do PSMA

CHAVE

- Partilha de informação
- Benefícios do PSMA
- Pesca INN confirmada
- Suspeita de pesca INN
- Nenhuma suspeita de pesca INN

DECISÃO TOMADA PELO ESTADO DO PORTO

SUSPEITA DE PESCA INN

AUTORIZAR A ENTRADA AO PORTO

Não autorizar nenhuma instalação

NECESSÁRIO FAZER INSPECÇÃO

COOPERAÇÃO COM AGÊNCIAS NACIONAIS:

- Alfandegas
- Imigração e trabalho
- Saúde, sanitária, veterinária
- Polícia
- Marinha de Guerra
- Negócios Estrangeiros

COOPERAÇÃO REGIONAL E INTERNACIONAL:

- Estados de bandeira
- Organizações do sector das pescas, força-tarefa

NÃO AUTORIZAR O DESEMBARQUE E O USO DE SERVIÇOS PORTUÁRIOS:

Levar a cabo investigações
adicionais com:

- o Ministério Público
- a Polícia
- os Estados de bandeira

NENHUMA SUSPEITA DE PESCA INN

AUTORIZAR A ENTRADA AO PORTO

Todas as instalações portuárias

INSPECÇÃO POSSÍVEL

PARTILHA DE INFORMAÇÃO E COOPERAÇÃO COM AGÊNCIAS NACIONAIS:

- Alfandegas
- Imigração e trabalho
- Saúde, sanitária, veterinária
- Marinha de Guerra

INSPECÇÃO

PESCA INN DETECTADA

SEM INSPECÇÃO

NENHUMA PESCA INN FOI DETECTADA

AUTORIZAR DESEMBARQUES, SERVIÇOS PORTUÁRIOS, ETC.

As inspecções
planificadas
fazem o
melhor uso da
capacidade e
dos recursos
limitados.

As embarcações
que cumprem
com as
medidas são
recompensadas
com controlos
portuários mais
eficientes.

Inspeções, Uma Parte Principal do PSMA

EQUIPA DA ADF

Nos termos do Acordo sobre Medidas dos Estados do Porto, as embarcações de pesca de bandeira estrangeira podem estar sujeitas a inspeções antes de poderem aceder aos portos para descarregar os seus produtos. Inspectores formados terão de examinar as embarcações e os seus registos para assegurar que estejam em conformidade com os regulamentos e com a lei.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, as embarcações que procuram obter entrada em portos terão de dar informação num formulário de 23 pontos, incluindo: nome da embarcação, autorizações de pesca e de transbordo, total da captura a bordo, total da captura a ser descarregada.

Depois das inspeções, os inspectores preencherão um formulário de 42 pontos. Entre as coisas que devem fazer estão:

- **Confirmar** se a documentação de identificação da embarcação e a informação sobre a propriedade são verdadeiras, completas e correctas.
- **Confirmar** se a bandeira e as marcas correspondem à documentação.
- **Confirmar** se as autorizações de pesca e outras relacionadas são verdadeiras, completas e correctas.
- **Rever** outra documentação e outros registos, tais como, livros de registos, pescado, documentos de transbordo e de comércio, listas da tripulação, planos de estiva e desenhos bem como as descrições dos porões de peixe.
- **Examinar** o equipamento de pesca para confirmar se o

tamanho, acréscimos, dimensões e configurações estão de acordo com os regulamentos.

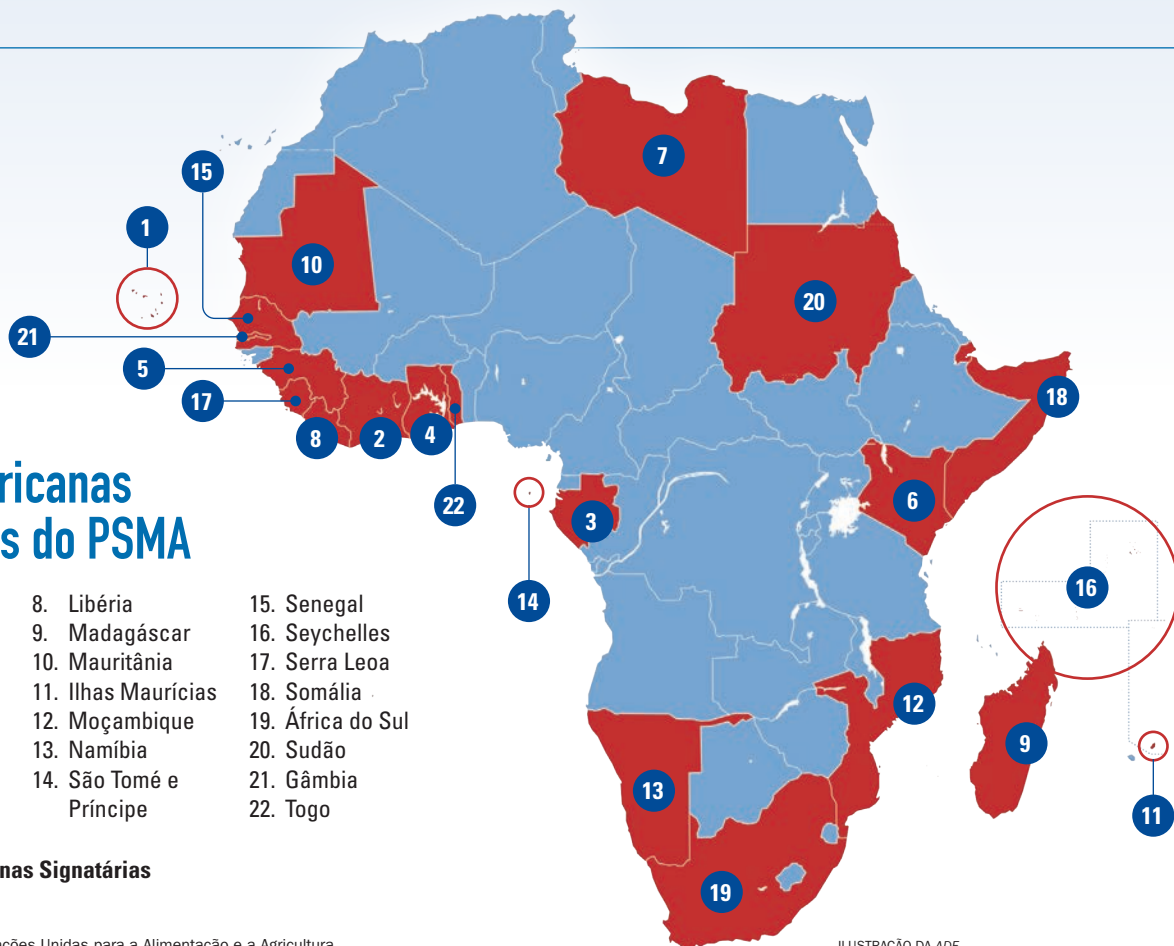
- **Determinar** se o peixe foi capturado em conformidade com as regras aplicáveis.
- **Examinar** a quantidade e a composição do peixe, podendo abrir os recipientes empacotados e mexer o pescado ou os recipientes para examinar os porões de peixe.
- **Avaliar** se existem provas claras de que a embarcação esteve envolvida em pesca ilegal, não declarada e não regulamentada.
- **Fornecer** ao capitão da embarcação uma cópia do relatório de inspecção. O capitão irá assinar e poderá adicionar comentários, objecções e entrar em contacto com as autoridades do Estado da bandeira se tiver dificuldade de compreender o relatório.
- **Organizar** para que haja tradução de documentos relevantes se for possível e necessário.

Os inspectores devem ser devidamente formados para fazerem este trabalho. A formação, conforme estabelecido no acordo, abordará pelo menos 12 áreas. Estas áreas incluem ética; saúde e segurança; leis nacionais e internacionais de saúde pertinentes e outros regulamentos; como recolher, avaliar e conservar provas; como realizar inspeções, escrever relatórios e realizar entrevistas; analisar a documentação da embarcação; identificar e medir o peixe; identificar e medir embarcações e seus equipamentos; operações de equipamentos de embarcações; e acções subsequentes à inspecção.

Nações Africanas Signatárias do PSMA

- | | | |
|--------------------|-------------------------|-------------------|
| 1. Cabo Verde | 8. Libéria | 15. Senegal |
| 2. Costa do Marfim | 9. Madagáscar | 16. Seychelles |
| 3. Gabão | 10. Mauritânia | 17. Serra Leoa |
| 4. Gana | 11. Ilhas Maurícias | 18. Somália |
| 5. Guiné-Conacri | 12. Moçambique | 19. África do Sul |
| 6. Quênia | 13. Namíbia | 20. Sudão |
| 7. Líbia | 14. São Tomé e Príncipe | 21. Gâmbia |
| | | 22. Togo |

 Nações Africanas Signatárias



Fonte: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura

ILUSTRAÇÃO DA ADF

e para o mercado”, explicou Ralby. “Assim, se forem colocados controlos policiais massivos para impedir que esse processo ocorra, tira-se a porção da recompensa da equação e aumenta o risco de que, de facto, eles serão apanhados”.

ADOPÇÃO NÃO BASTA

Todas as 54 nações de África, tirando apenas 16, possuem faixas costeiras, assim como as tem outras mais de 200 nações e territórios do mundo. Mas até agora, apenas 66 nações em todo o mundo fazem parte do acordo, e 23 destas nações estão em África. As várias nações encontram-se em estágios diferentes de aceitação, aprovação, ratificação e adesão, de acordo com a FAO.

Esta é uma resposta importante e louvável mas não é suficiente para fazer com que o acordo seja tão eficiente quanto possível. As lacunas nas faixas costeiras cobertas pelo acordo oferecem aos criminosos um porto seguro para desembarcarem os seus produtos. Por exemplo, a maior parte da África Ocidental é parte do acordo. Mas a Guiné-Bissau não o é. Portanto, uma embarcação pode desviar-se de uma nação, seguir pela costa e atracar numa outra para evitar fiscalização e controlo.

As lacunas nas faixas costeiras deixadas por nações que ainda não se juntaram ao acordo criam grandes vulnerabilidades. Mas Ralby explicou que as nações que são parte do acordo também têm grandes vantagens e oportunidades através das inspecções e controlos portuários. Algumas nações africanas estão entre as que têm as mais altas dependências de proteína proveniente do peixe no mundo, por isso, ter todas as ferramentas à sua disposição para lutar contra a pesca INN será de vital importância. Existem grandes benefícios, disse ele, quer seja uma, 23 ou todas as 38 nações costeiras africanas a operar nos termos do acordo.

Para além disso, mesmo que todas as nações costeiras africanas adoptem o PSMA, não terá a eficácia necessária sem que ele seja implementado “de forma eficiente, eficaz, consistente e transparente”, afirmou Ralby. As nações africanas terão de harmonizar os esforços para que todos os países estejam a trabalhar a partir dos mesmos conjuntos de padrões e a partilhar informação. “Nesta abordagem, qualquer diferença será explorada”, disse ele.

O potencial para a corrupção também terá de ser abordado. O PSMA apenas será tão bom quanto as pessoas responsáveis por fazê-lo cumprir. O mercado internacional das pescas possui um valor significativo; excedeu 240 biliões de dólares em 2017 e espera-se que ultrapasse 438 biliões de dólares em 2026, de acordo com o site Research and Markets. Ralby afirmou que o valor pode atrair algumas pessoas para a prática de actos de corrupção, nomeadamente, através de subornos para ignorar regulamentos ou para autorizar a pesca quando não deviam.

Os estados do porto também terão de garantir que as embarcações que cumprem com as normas e recebem acesso acelerado aos portos não abusarem deste privilégio ao enveredar pela pesca INN sem o conhecimento das autoridades. Ralby sugere que seja feita uma revisão constante e aleatória para assegurar que as embarcações com acesso rápido continuem a cumprir.

Ralby diz que, à medida que a COVID-19 se alastra em África e em todas as partes do mundo, combater a pesca INN tende a representar um desafio cada vez maior. A doença complicou a cadeia de fornecimento global, por isso, é provável que se queira abusar das oportunidades para fugir às regras. Da mesma forma, exigir o cumprimento das normas será mais difícil porque é provável que haja menos interesse em embarcações. Isto pode alterar a tendência do problema num futuro próximo.

Mesmo assim, as nações africanas estão a dar passos significativos no sentido de se familiarizarem com os elementos do acordo. Um pouco antes da COVID-19 começar a alastrar-se em África, a Serra Leoa levou a cabo um exercício do PSMA em Freetown, em Fevereiro de 2020.

Representantes das autoridades da polícia do sector de pescas, da saúde, da polícia naval, marítima, portuária e da justiça participaram do workshop de capacitação que durou uma semana. A FAO liderou o evento. A Serra Leoa ratificou o acordo em Setembro de 2018.

Os participantes usaram o horário de chegada de uma embarcação de bandeira estrangeira para descarregar a sua captura em Freetown como uma oportunidade de participar num estudo de caso e aprender sobre a cooperação entre agências e sobre a troca de informação, um elemento chave do acordo.

A Libéria, vizinho da Serra Leoa, organizou um evento semelhante por volta da mesma época em Monróvia destinado a representantes das autoridades do sector das pescas, marítimo, portos, saúde, alfândegas, imigração, guarda costeira, comércio, justiça e agricultura.

O workshop utilizou uma embarcação de bandeira estrangeira de transporte de carga com refrigerador, que se encontrava a descarregar peixe transferido de embarcações em Guiné-Bissau, como um estudo de caso para os procedimentos PSMA, tais como a troca de informação e a cooperação interinstitucional.

O acordo apenas será mais forte à medida que mais nações aderirem, restringindo lentamente o número de portos que os criminosos podem usar para descarregar e vender peixe obtido de forma ilícita. De acordo com Pew Charitable Trusts, “O ambiente internacional consistente nos anos que se passaram aumentou significativamente o número de signatários do acordo. Isso fez com que fosse extremamente difícil que capturas ilegítimas chegassem aos mercados nacionais e internacionais e reduziu o incentivo para operadores de pesca desonestos continuarem as suas actividades INN”. □

ENSINANDO

os Guerreiros do Amanhã



Um oficial da Força Popular do Defesa de Uganda toma notas durante um curso na Escola Júnior de Comando e Estado-Maior de Jinja. SGT. DA EQUIPA JULIANNE M. SHOWALTER/FORÇA AÉREA AMERICANA

As Instituições de Ensino Profissional Militar Devem Imprimir Reformas Para Atender aos Novos Desafios de Segurança

MAJOR GENERAL (REFORMADO) MUHAMMAD INUWA IDRIS

Todos os oficiais militares beneficiaram de ensino militar profissional (PME) ao longo das suas carreiras. O PME está estruturado para incluir uma mistura de treino, aquisição de habilidades e instruções tradicionais de sala de aula.

Foi concebido para dar suporte ao soldado desde o começo da sua carreira até à altura em que ele sai do serviço activo. Molda as atitudes visando a melhoria dos alcances das missões individuais e institucionais. Está dividido em níveis e compartimentalizado entre os alistados e os quadros oficiais.

academias de treino inicial de oficiais, passa pelos colégios de guerra ou instituições equivalentes até à educação política e estratégica. É um facto conhecido que a progressão nas carreiras do exército está estruturada para ser consistente com o PME necessário e relevante em todos os níveis. Isto demonstra que o exército é uma organização adaptável, com ênfase no aprendizado contínuo.

ADAPTE-SE OU PEREÇA

É importante que estas instituições não se tornem rígidas. Avaliações regulares de PME devem ser feitas para determinar se está a alcançar a sua função e os seus objectivos. Isso é particularmente urgente hoje, tendo em conta os ambientes complexos em que o exército se encontra a operar. Ao avaliar um PME, deve-se admitir que o sucesso é misto. No lado positivo, a estrutura e a conduta do PME é impressionante e bem-sucedida. Estas são instituições sérias com requisitos académicos rigorosos. Contudo, o resultado em termos de desempenho e sucesso das missões, em muitas partes do continente, não são tão encorajadores.

Eu falo a partir do contexto do exército nigeriano, que é por onde passei a minha carreira. É a instituição com a qual estou mais familiarizado. Numa carreira de 35 anos, eu tive a sorte de passar os últimos cinco anos em diferentes instituições de PME como comandante-general. Através

desta experiência, eu vi os pontos fortes e a importância de PME. Também notei a urgente necessidade de reformar e adaptar para satisfazer as exigências dos ambientes das ameaças actuais.

No exército nigeriano, o PME está estruturado, especialmente para o quadro de oficiais, de maneira



Soldados das Forças de Defesa Popular do Uganda discutem estratégias enquanto fazem um projecto em grupo, na Escola Júnior de Estado Maior de Jinja. SGT. DA EQUIPA JULIANNE M. SHOWALTER/FORÇA AÉREA AMERICANA

Os soldados que estudaram nas mais prestigiadas instituições de PME carregam com eles este orgulho de realização ao longo das suas carreiras.

Para soldados alistados, o PME começa nas instituições de treino inicial e culmina nas academias de subtenentes. Para os oficiais, o PME começa nas

Os exércitos africanos promoveram com sucesso a aprendizagem ao longo da carreira, entretanto, está cada vez mais evidente que a formação e os incentivos para o sistema de ensino militar nem sempre produzem os resultados desejados.

que não se pode aspirar a patentes superiores sem incremento de exposições e experiência em PME. Isto começa com o treino inicial de oficiais na Academia de Defesa da Nigéria e culmina com a educação estratégica, próximo do ponto mais alto dos generais. Este aspecto estrutural de PME é considerado um sucesso e é semelhante à forma como o PME está estruturado em outros países africanos.

Os exércitos africanos promoveram com sucesso a aprendizagem ao longo da carreira, entretanto, está cada vez mais evidente que a formação e os incentivos para o sistema de ensino militar nem sempre produzem os resultados desejados. O maior incentivo para oficiais é embarcar e concluir cursos relevantes para progredir para patentes superiores. O PME passou a ser uma caixa de verificação em que vão marcar com um certo para poder subir na escada. O uso do ensino adquirido para completar as tarefas e resolver problemas complexos no terreno tem sido suspeito. O resultado disto é um exército que está cada vez mais reactivo com planos a curto prazo e com as capacidades para realização das missões a diminuírem rapidamente. Isto é evidente na forma como as tarefas atribuídas são confrontadas e conduzidas.

NOVAS AMEAÇAS

A mudança é urgente. O continente está a enfrentar uma vasta gama de ameaças extremistas em lugares tais como a Bacia do Lago Chade, o Sahel, a região dos Grandes Lagos e o Corno de África. Muitas destas ameaças continuaram a crescer por muitos anos antes de os países, em particular, terem desenvolvido



Um piloto malawiano profere um discurso na Base Aérea de Lilongwe. As organizações militares bem-sucedidas colocam ênfase no ensino ao longo da carreira. FORÇA AÉREA AMERICANA

estratégias coerentes com a resposta. Tem levado cada vez mais tempo para que as parcerias de segurança regionais tomem forma. Este é um desafio para instituições de PME, que deviam olhar para as suas abordagens e perguntar se estão a treinar profissionais militares para serem proactivos para com questões voláteis, incertas, complexas e ambíguas (VUCA).

A avaliação de como os militares conduzem as operações de insurgência contra o grupo terrorista Boko Haram na Nigéria deixou claro as deficiências do PME na preparação do exército. Por exemplo, nos primeiros anos da insurgência, a maior parte das missões eram produzidas em reacções rápidas aos ataques dos insurgentes sem planificação adequada. Os sistemas de inteligência e de alertas antecipados dependiam amplamente da informação de código aberto e careciam de análise. Os sistemas de logística e de aprovisionamento eram reactivos, a curto-prazo e sobejamente irrealistas. As ramificações dos serviços armados, predominantemente, conduziam operações independentes com pouca ou nenhuma coordenação.

Tudo isto diluía o sucesso da guerra contra os insurgentes e contribuía para o aprofundamento da politização e da falta de transparência em assuntos operacionais dentro do exército. O PME



desempenha um papel importante na reversão destas tendências negativas.

FAZENDO PERGUNTAS DIFÍCEIS

A transformação militar exaustiva pode ser iniciada através do PME. Contudo, o PME deve primeiro ser transformado e refocalizado no sentido de resolver problemas. O PME deve ser reestruturado visando a garantia de que o exército está preparado para desenvolver respostas deliberadas, atempadas e duradouras para as ameaças VUCA, actuais e emergentes, em vez de respostas ad-hoc não planificadas. As instituições de PME devem começar a encontrar respostas e soluções para questões críticas tais como:

- Como é que os sistemas de planificação operacional podem ser mais robustos e realistas?
- Como é que se pode tornar os sistemas de alerta antecipado mais responsivos e adaptativos?
- Como é que os sistemas de logística podem ser mais eficientes e eficazes?
- Como é que os sistemas de aprovisionamento podem ser mais realistas e transparentes?
- Como é que as colaborações conjuntas e interinstitucionais podem ser melhoradas?

As respostas e as soluções para estas e muitas outras perguntas podem ser dadas pelo PME se ele for reorientado para assim o fazer. Essa reorientação pode ser iniciada com a vontade política e direcção correcta a partir de uma hierarquia militar. Além disso, teriam de ser feitos investimentos adequados e relevantes no PME para rever e actualizar os currículos e adquirir tecnologia relevante. Os avanços na tecnologia de informação e computação tornaram o aprendizado muito mais fácil para o exército, através de ferramentas de simulação e jogos de guerra. As instituições do PME devem ter acesso a estas ferramentas.

Sendo assim, embora se possa dizer que a estrutura e a entrega do PME tenham sido aperfeiçoadas, as habilidades de resolução de problemas aprendidas nos PME são inadequadas. Como oficiais militares, devemos nos apropriar deste problema. O exército tem uma tendência de fugir da responsabilidade, culpando sempre a classe política por não providenciar apoio financeiro para realizarem as suas missões. Em muitos países africanos, o exército era altamente politizado durante envolvimento anteriores na governação política. A hierarquia do exército nas dispensações democráticas subsequentes fez



Soldados nigerianos marcham para celebrar o Dia da Democracia. REUTERS



muito pouco com vista a alcançar uma transformação e realinhamento exaustivos. Os esforços feitos na transformação do sector da segurança foram amplamente selectivos, não coordenados e não exaustivos. O resultado foi um esforço e investimento significativos com resultados irregulares e insatisfatórios.

Os desafios e a dinâmica do ambiente operacional actual estão a evoluir rapidamente. Isto explica em parte por que os exércitos parecem estar sobrecarregados num ambiente VUCA. As respostas e soluções devem ser encontradas em PME orientado e focalizado para a resolução de problemas, em oposição ao PME concebido na essência para efeitos de progressão de carreira.

Os PME contemporâneos para as nações africanas devem ser concebidos para lidar com necessidades específicas do exército como uma instituição e a nação como um todo. O sistema actual deve ser reavaliado com vista a sua reestruturação e realinhamento a fim de produzir melhores resultados. O PME deve ser feito deliberadamente contextual em termos de configurações de cenários realistas. Os currículos devem passar por testes e avaliações contínuos no campo e através de revisões de desempenho operacional para que possam ser obtidas lições relevantes para melhorias. Deve haver uma infusão de pensamento crítico e criativo a todos os níveis para que se motive e se encoraje a inovação na resolução de problemas. O PME deve permanecer actualizado com as tendências contemporâneas do uso de simulações e ferramentas de jogos de guerra para modelar as lições aprendidas aplicadas. As ferramentas de simulação também devem ser introduzidas para a projecção de futuros eventos e modelar as prováveis respostas e resultados. Estas ferramentas podem facilmente ser utilizadas para relacionar contextos estratégicos com ambientes locais, o que é necessário para operações militares contemporâneas, fazendo com que o PME seja mais adaptável, realístico, orientado para o futuro e visionário.

Espero que possamos continuar a tirar vantagens da assistência internacional para corrigir as deficiências e realinhar o PME para melhorar o desempenho. Os parceiros de desenvolvimento fizeram tanto e muito bem para nós. Os exércitos africanos devem, por conseguinte, estar à altura da ocasião na melhoria e no aperfeiçoamento das suas capacidades militares através do PME, enquanto os parceiros de desenvolvimento continuam a manter o apoio e a assistência. □



O Major-General Idris é um antigo comandante da Academia Nigeriana de Defesa, em Kaduna. Ele serviu numa variedade de cargos ao longo de três décadas, incluindo chefe de Estado-Maior do Corpo de Inteligência do Exército Nigeriano e, depois da sua reforma do serviço activo, serviu no registo académico da Universidade de Baze, em Abuja. Ele possui dois mestrados pela Universidade Nacional de Defesa, de Washington D.C., e estudou em instituições de defesa no Reino Unido e no Paquistão. Recebeu a Medalha do Jubileu Dourado-Medalha Centenária para Militares Nigerianos e recebeu a Medalha de Estrela por Grandes Serviços em reconhecimento aos seus 30 anos de serviço.

Resolvendo o Problema de

CARÊNCIA DE MEIOS AÉREOS



**Os Países Podem Fazer Parcerias para Desenvolver
Frotas Regionais de Transporte Militar**

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF



Um C-130 da Força Nacional da África do Sul aterriza numa instalação da Força Aérea Sul-africana. O avião transportava pessoal médico militar para ajudar a combater a COVID-19 na província de Eastern Cape. AFP/GETTY IMAGES

Quando se fala em criar capacidade militar em África, aumentar o número de meios aéreos tende a ocupar o último lugar por causa das despesas envolvidas na aquisição de equipamento de combate, formadores e aviões de carga.

Fora isso, a capacidade dos meios aéreos continua a ser uma necessidade fundamental em todo o continente, tanto para movimentar as tropas para regiões problemáticas quanto para descarregar suprimentos nas zonas atingidas por calamidades naturais.

Para lidar com esta necessidade, a União Africana (UA) estabeleceu uma célula na sua Divisão de Operações de Apoio à Paz designada Centro de Coordenação de Movimentação Continental. O centro supervisiona os meios aéreos cedidos como contribuição das comunidades económicas regionais do continente assim como contratos de curto prazo de meios aéreos, meios marítimos comerciais e meios de movimentação terrestre para operações de manutenção de paz. A UA também compilou uma base de dados de equipamentos aéreos disponíveis através dos Estados-membros para ver onde existem lacunas e oportunidades.

O mandato do centro é de controlar e coordenar o uso das capacidades de transporte estratégico por via aérea cedido para as missões da União Africana. Segundo um relatório de 2015, do Centro de Estudos Estratégicos de África, a mais elevada prioridade da UA é “fazer o uso da capacidade estratégica orgânica de transporte aéreo dos Estados-membros, com qualquer dificuldade na capacidade a ser suplementada por meio de equipamento comercial contratado ou por meio de assistência vinda dos parceiros.”

A primeira prova do potencial do centro foi demonstrada no exercício militar Amani África II, em 2015, quando um avião de transporte C-130 da Nigéria, na região da Comunidade Económica dos Estados da África

Ocidental, cumpriu com uma solicitação de emergência de meios aéreos transportando 100 soldados e material da Força de Intervenção da África Ocidental.

“O que este conceito diz é que, tanto quanto pudermos, devemos utilizar os recursos africanos primeiro e partilhar recursos para o transporte estratégico aéreo, que pode ser complementado pelo apoio dos parceiros,” disse, na altura, o Coronel Mor Mbow de Senegal, agora reformado.

Apesar do acordo generalizado sobre a necessidade de tal capacidade de meios aéreos, as próprias aeronaves continuam escassas. Um livro de 2013, *Envolvimento Militar: Influenciando as Forças Armadas no Mundo Inteiro a Prestar Apoio às Transições Democráticas, Volume II*, editado por Dennis Blair, enfatiza a necessidade de mais recursos aéreos para África: “Os exércitos africanos devem aumentar significativamente a capacidade na logística aérea para lidarem com as crises ambientais e humanitárias.

“A fome e a seca que assolam o Corno de África requerem uma intervenção urgente que envolve movimentar toneladas de produtos alimentares para regiões remotas onde 9,6 milhões de pessoas pobres se encontram dispersas. Para além disso, em Moçambique, a forte pluviosidade sazonal implica que apenas o transporte aéreo é capaz de intervir e salvar a vida de pessoas desesperadas que não conseguem se mudar para regiões de maior altitude anualmente. Contudo, a maior parte dos Estados africanos não possuem o equipamento, os recursos nem a formação.”

Recursos Regionais

À medida que o continente africano procura criar estratégias para obter recursos para a capacidade dos meios aéreos, vale a pena examinar um modelo existente.

A Capacidade Estratégica dos Meios Aéreos (SAC, acrónimo inglês), instituída em 2008 e sediada no oeste

“Toda nova crise em África enfrenta a mesma e difícil tarefa de logística e mobilidade aérea.”

~ Maj. Ryan McCaughan, da Força Aérea Americana

da Hungria, é um programa independente multinacional que fornece a capacidade de transporte de equipamento e pessoal a longa distância para os seus 12 países-membros. Ela detém e opera três aeronaves de carga de longo alcance Boeing C-17 Globemaster III.

Os países da SAC são também membros da NATO, nomeadamente, Bulgária, Estónia, Hungria, Lituânia, Holanda, Noruega, Polónia, Roménia, Eslovénia, os Estados Unidos da América bem como as nações da Parceria da NATO para a Paz (Finlândia e Suécia). Cada país participante detém uma quota de horas de voo disponíveis nas aeronaves da SAC, as quais podem ser utilizadas para missões a fim de servir os seus esforços de defesa nacional, compromissos regionais e ajuda humanitária.

Em Abril de 2020, a SAC, a pedido da Holanda, fez a entrega de duas unidades móveis de cuidados intensivos na ilha de Sint Maarten, nas Caraíbas, numa missão de resposta de emergência. O *Daily Herald*, do nordeste das Caraíbas, declarou que as duas unidades possuíam seis camas de cuidados intensivos com ventiladores e equipamento para uma outra unidade de seis camas de cuidados intensivos no território holandês das Caraíbas. Esta entrega foi considerada essencial, pois o povo das ilhas já pode tratar os pacientes de COVID-19.

O conceito SAC teve a sua origem na sede da NATO, em 2006. Oficiais e representantes nacionais da NATO tinham em vista uma solução de uma parceria que podia “satisfazer a necessidade de meios aéreos estratégicos para os Estados-membros sem recursos económicos, numa capacidade permanente.”

A SAC adquiriu o seu primeiro avião em Julho de 2009, seguido de mais dois, que foram entregues nos meses

subsequentes. Até finais de 2012, a unidade foi considerada totalmente capaz de realizar missões de abastecimento aéreo, lançamento aéreo de envio único, aterragens de ataque, operações em todos os tipos de clima, de dia ou de noite, em ambientes com uma ameaça média ou baixa e certas operações médicas aéreas de evacuação.

Transporte Aéreo num Orçamento

Num estudo de 2019, o Maj. Gen. Brian McCaughan, da Força Aérea Americana, propôs o uso de aeronaves recuperadas para melhorar a capacidade do transporte aéreo de África. Anotou que os Estados Unidos e outros países que apoiam as nações africanas em capacidade de meios aéreos estariam melhor servidas dando ajuda numa base regional, em vez de apoiar os países de forma individual. Ele disse que “Toda nova crise em África enfrenta a mesma e difícil tarefa de logística e mobilidade aérea.”

Acrescentou que a mobilidade aérea em África deve ser vista como um recurso regional. Ele propôs um plano abrangente em associação com e sob a liderança da União Africana. Também sublinhou que as nações africanas precisam de tirar vantagem da “disponibilidade sem precedentes” de uma aeronave específica — o avião de carga C-130.

A Lockheed C-130 Hercules é uma aeronave de transporte militar aéreo turbopropulsor que foi fabricada, pela primeira vez, em 1955, e novas versões ainda continuam a ser feitas. Foi projectado para acomodar-se às condições da guerra da Coreia, com os Estados Unidos a precisarem de uma aeronave de transporte versátil que fosse capaz de transportar tropas em distâncias médias e aterrar em aeródromos de capacidade reduzida.

Um C-17 da SAC parqueia numa placa da pista em Tombuctu, Mali. CAPACIDADE ESTRATÉGICA DOS MEIOS AÉREOS



Colaboradores da manutenção de aeronaves das forças aéreas chadianas, nigerianas e etíopes viajaram para a Base Sheppard da Força Aérea, em Texas, para um curso de manutenção de C-130 com duração de três semanas.

FORÇA AÉREA AMERICANA

Cerca de 70 países adquiriram C-130s ao longo dos anos. Mais de 2.500 destas aeronaves foram fabricadas até ao momento.

Existem mais de 40 variedades do padrão C-130. A revista Forbes previu que os C-130 provavelmente se tornariam na primeira aeronave militar da história a permanecer em serviço contínuo por mais de 100 anos.

Os Estados Unidos trabalharam individualmente com as nações africanas para melhorar as suas capacidades aéreas, especificamente com a C-130. No ano de 2018, os EUA doaram uma C-130 recuperada à Etiópia. A defenseWeb noticiou que funcionários da Embaixada dos EUA disseram que a aeronave iria “melhorar ainda mais a capacidade da Etiópia de desempenhar um papel vital em missões regionais de manutenção de paz, permitindo que a Etiópia transporte suprimentos de ajuda humanitária de forma atempada para onde fossem necessários e proteger a vida de civis em regiões de conflito.”

Em Janeiro de 2020, os EUA efectuaram a entrega de um novo hangar para C-130 Hercules à Força Aérea Nigeriana, na Base Aérea 201, próximo de Agadez. “O Níger irá receber uma antiga aeronave C-130 dos EUA no final do presente ano,” reportou a defenseWeb.

Os EUA pagaram pela construção do hangar, que foi construído no período de um ano por colaboradores internacionais e cerca de 90 residentes de Agadez. O hangar possui uma sala de manutenção de motores, armazém, área de treinamento e salas de baterias e ferramentas.

O mesmo irá, em última instância, abrigar até duas aeronaves de transporte C-130, recentemente adquiridas pela Força Aérea Nigeriana. Segundo reportou a defenseWeb, as aeronaves foram adquiridas nos Estados Unidos da América.

A Melhor Escolha

No seu estudo, McCaughan concluiu que o C-130 parece ser a melhor ferramenta para melhorar a capacidade em meios aéreos em África, em parte, porque os EUA já o tinham escolhido para esse efeito.

“Poucos discordariam que, em termos de capacidade fornecida, o C-130 é bom para África,” escreveu McCaughan. “Primeiramente, em termos de capacidade de carga, tempo de voo e uma capacidade não melhorada de aterragem em superfície, este meio é a resposta para uma região que é frequentemente assolada pela guerra e pela fome agudizada por aquilo que já foi apelidado de



‘tirania da distância.’ Com um alcance de mais de 1.500 milhas náuticas, uma capacidade de transportar até 19.000 Kg de carga e uma habilidade de ser reconfigurada para se ajustar a uma variedade de tipos de missões, esta é a aeronave perfeita para um continente com pontos de paragem limitados e zonas de aterragem não vigiadas que podem necessitar de um alcance de 1.000 milhas antes de se puder reabastecer.”

Os custos de manutenção e sustentabilidade anual dos C-130Hs de 5 a 6 milhões de dólares são relativamente baixos quando comparados a aeronaves semelhantes, argumentou McCaughan.

O programa Excess Defense Article é projectado para que um país ou uma região assuma a propriedade de um meio como uma aeronave, da forma “tal como se apresenta”, assumindo também a responsabilidade por todos os custos de transporte, reparação e manutenção da mesma.

McCaughan afirmou que a União Africana devia utilizar a SAC como modelo para a sua própria capacidade de apoio em meios aéreos regionais. Assim como com a SAC na Hungria, a UA devia escolher uma “nação-quadro” que assumiria a responsabilidade pelo custo de restauração e manutenção de C-130s numa dada região. A UA desenvolveria um modelo de financiamento para apoiar parte dos custos operacionais e de manutenção da aeronave. Ele disse que o modelo podia utilizar um plano de partilha do tempo de voo negociado entre a nação anfitriã, a UA e outros parceiros em África.

Alguns países da África Subsaariana, individualmente, já tiveram dificuldades financeiras para sustentar as suas aeronaves de transporte. McCaughan conclui que uma nova forma de fazer a gestão de frotas militares de transporte é a única resposta: “Até que parceiros governamentais regionais com interesses semelhantes se unam contratualmente uns com os outros, assim como com uma indústria capaz de realizar manutenções de alto nível, o ciclo não será quebrado e a mobilidade aérea na África Subsaariana continuará a ser uma miragem.” □

O Custo de Devolver uma Aeronave ao Serviço

A Lockheed Martin produz aeronaves de transporte C-130 desde 1955. A ADF entrevistou Denny Plessas, vice-presidente da Lockheed Martin International Business Development-Africa, Grécia, Itália e América Latina, sobre a prática de devolver C-130s que estão fora de serviço às alturas. As perguntas e as respostas foram trocadas via e-mail e editadas para reduzir a extensão.

ADF: Reconhecendo que não existem dois antigos aviões que sejam iguais, quanto custa recuperar um clássico C-130 bem conservado?

Plessas: Apenas pelo facto de uma aeronave se encontrar bem conservada não significa que esteja a cumprir com todos os requisitos para poder voar pelo mundo ou que não esteja a aproximar-se a um limite de vida útil que exige que uma peça tão grande como a asa seja substituída. No caso de C-130s de mais de 40 anos, o preço da reforma feita num depósito, apenas para devolver a aeronave ao serviço, pode exceder o valor de compra da própria aeronave.

Os C-130 mais recentemente devolvidos ao serviço faziam parte do programa Excess Defense Article (EDA), do governo dos Estados Unidos. As aeronaves tiveram a reforma adequada num depósito do governo dos EUA para poderem ser entregues.

ADF: Qual é o valor de um C-130 usado em boas condições?

Plessas: Nestes últimos anos, temos visto os valores de C-130s a variar entre centenas de milhares de dólares por um avião que tenha sido vandalizado para dele se obter peças e a média de 10 milhões de dólares a 20 milhões de dólares para um C-130 de aproximadamente 35 anos com um novo vidro na cabine de comando.

ADF: Qual é o custo anual de manutenção de um C-130 utilizado regularmente? O antigo Chefe de Equipa da Força Aérea, Gen. Norton Schwartz disse ao Congresso, em 2012, que custava 10.400 dólares por hora para um C-130 voar. Estes números ainda são actuais?

Plessas: O custo de manutenção de um C-130 é determinado por vários factores, incluindo:

- Por quantas horas a aeronave voou em cada ano?
- A taxa de disponibilidade exigida por aquele operador.
- Tamanho da frota.
- Se a manutenção da aeronave é da responsabilidade de instalações do governo ou de um centro de serviços comerciais.

O custo por hora de voo está dividido em custos fixos e custos variáveis. Os custos fixos são dominados por manutenção e geralmente são repartidos pela frota. As frotas grandes geralmente têm menores custos fixos por aeronave dada a economia da escala comparados a frotas pequenas.

Os custos variáveis são consumíveis, tais como combustíveis e salários da tripulação.

Um dos maiores impulsionadores dos custos fixos é o efeito de taxas de disponibilidade na manutenção. Quando são entregues, os novos C-130 têm taxas de disponibilidade de mais de 90%. Depois de 40 anos de voo, vemos a taxa de disponibilidade de uma aeronave reduzir para entre 50% e 55%. À medida que uma aeronave se desgasta, ela requer mais inspecções e mais peças sobressalentes enquanto os operadores também têm de factorizar o desgaste das peças. É possível voltar a ganhar alguma porção desta taxa de disponibilidade, mas isso requer um grande influxo de dinheiro.

ADF: O que está envolvido na manutenção de um C-130?

Plessas: A manutenção dos C-130 é feita em depósitos do governo, por entidades comerciais contratadas pelo governo (geralmente as linhas aéreas) ou centros de serviços aprovados pela Lockheed Martin. Existem 17 Centros de Serviços Hercules localizados em seis continentes, os quais estão em condições de realizar revisões de manutenção assim como apoio nas modificações de manutenção e reforma das aeronaves a nível do depósito. Denel, na África do Sul, é o único Centro de Serviços Hercules do continente e possui uma experiência de manutenção da frota de C-130BZ da Força Aérea Sul-Africana.

ADF: Em que medida podemos considerar um C-130 antigo e bem conservado não digno de se manter em serviço ou de se devolver ao serviço? Será que a idade do avião é o factor principal?

Plessas: O C-130 não possui tempo de vida útil em termos de anos, mas existem considerações a serem feitas quando se está a avaliar a possibilidade de manter um C-130 em serviço ou fora de serviço.

Olhemos para o modelo C-130H como um exemplo. Os C-130s foram produzidos entre 1964 e 1996. O tempo de vida útil económico de um C-130H em serviço e com um grande operador militar é de aproximadamente 40 anos e depende de como a aeronave foi utilizada pelo operador.

Existem limites de serviço para a estrutura da aeronave/ os componentes estruturais em termos de horas e números de eventos (isto é, número de pousos). Um “tempo de vida útil”, “tempo de vida útil anual” ou “tempo de vida útil total” não deve ser confundido com o tempo de vida útil económico de uma aeronave.

Operador	C-130A	C-130B	C-130E	C-130H	C-130J	Total	Média de Anos
Botswana		3				3	60.5
Camarões				3		3	41.1
Chade				1		1	30.5
Etiópia		2	1			3	57.7
Gabão				1		1	42.4
Nigéria				3		3	39.1
Safair			1	5		6	46.2
África do Sul		7				7	57.4

Tabela 1

Fonte: Lockheed Martin

Operador	C-130A	C-130B	C-130E	C-130H	C-130J	Total	Média de Anos
Argélia				14		14	37.1
Egipto				26		26	40.3
Líbia				2		2	49.4

Tabela 2

Fonte: Lockheed Martin

Factores diferentes dos limites estruturais devem ser tidos em conta ao avaliar o tempo de vida útil económico, tais como a economia da operação de uma aeronave antiga e o declínio na taxa de disponibilidade devido a manutenções adicionais.

À medida que os C-130 se desgastam, as suas taxas de disponibilidade diminuem. Muitos operadores militares declaram ter taxas de disponibilidade de 50% com C130Hs de 35 a 40 anos. A rotina e as manutenções não previstas devido a idade afectam significativamente as taxas de disponibilidade. As preocupações de apoio não antecipado aumentam o tempo em que a aeronave permanece no depósito assim como requerem mais trabalho, peças e apoio de engenharia. Tudo isso se traduz em menos disponibilidade e mais custos.

ADF: Os números variam sobre quantos C-130s ainda estão a operar na África Subsaariana. Tem alguma estimativa?

Plessas: Olhando para a base de dados da Lockheed Martin, nesta altura, a distribuição dos Operadores de C-130 na África Subsaariana é de: (Tabela 1)

Olhando para a base de dados da Lockheed Martin, nesta altura, a distribuição para o Norte de África é de: (Tabela 2)

Os seguintes países substituíram os seus C-130Hs por C-130Js nesta altura:

- Itália – 30 anos
- Dinamarca – 29 anos
- Noruega – 39 anos
- Reino Unido – 35 anos
- Austrália – 34 anos
- Canadá – 35 anos

ADF: Que tipo de instalações os grupos regionais de África teriam de construir para acolher e fazer a manutenção de um ou dois C-130?

Plessas: Os operadores geralmente precisam de um hangar grande o suficiente para receber um C-130. A maior parte dos hangares, devido a economia de escala, são feitos para acolher duas ou mais aeronaves porque as instalações não recebem apenas as aeronaves para manutenção, mas também contêm instalações para pintura, lojas de apoio para os técnicos, uma biblioteca, zona de armazenamento para peças de aeronaves e espaços para escritórios.

ADF: Um estudo de 2019 recomendou que tais instalações regionais em África tenham pelo menos três aviões C-130. Existe uma economia de escala na manutenção de três ou mais destas aeronaves?

Plessas: Existe uma economia de escala. Existe um conjunto mínimo de infra-estruturas para um C-130. Expandir para três C-130s não triplica a infra-estrutura. Numa frota de uma aeronave, toda a infra-estrutura fixa é suportada nos custos por hora de voo. Esse custo é dividido numa frota de três aeronaves.

Para ser operacionalmente eficaz, a Equipa de Análise Operacional de Lockheed Martin recomendou consistentemente um mínimo de três aeronaves por frota. Em termos gerais, geralmente uma aeronave entra em acção de manutenção. A realidade é que apenas duas aeronaves estarão disponíveis para atribuição de tarefas. As missões de treinamento irão impactar o nível de atribuição de tarefas das duas aeronaves. □

Presidente da Libéria Canta Sobre o Coronavírus

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O Presidente da Libéria, George Weah, lançou um single cujo tema é o coronavírus, usando a música para fazer a sensibilização sobre as medidas de prevenção naquele Estado da África Ocidental.

No seu *Fiquemos Juntos e Lutemos contra o Coronavírus*, Weah explicou como o vírus se propaga e aconselha a lavagem das mãos, num fundo harmonizado de vozes femininas e animado por um som de guitarra de uma música do grupo os Rabbis.

“Da Europa à América, da América à África, tomem precauções e fiquem seguros”, canta o antigo ícone do futebol.

A faixa de cerca de seis minutos também descreve os sintomas e explica como a COVID-19 pode se alastrar quando as pessoas tocam nas narinas ou nos olhos. Quanto aos outros Estados da região, havia receios em relação à capacidade da Libéria de responder a um surto.

O país foi o mais afectado pelo surto do Ébola de África Ocidental de 2014-2016 quando mais de 4.800 pessoas morreram no país.

O porta-voz de Weah, Solo Kelgbeh, disse que o presidente produziu uma música semelhante durante a crise do Ébola e que começou a trabalhar no novo single antes mesmo de a COVID-19 ter chegado a Libéria. A música serve um propósito prático, disse Kelgbeh.

“A Libéria é um país onde a maior parte das pessoas não tem acesso à internet e ao Facebook, mas todos ouvem a rádio”, apontou. “Esta música será tocada nas várias estações de rádio do país... para que a mensagem seja difundida de forma suficiente”.

A Equipa Queniana de Futebol é um Símbolo de Esperança

VOZ DA AMÉRICA

O bairro Kariobangi, de Nairobi, tornou-se no domicílio de uma equipa de futebol em 2000. Mais tarde chamados de Tubarões de Kariobangi (Kariobangi Sharks, em inglês), a equipa era um ponto luminoso num bairro informal marcado por pobreza, crime e condições de vida de superlotação.

A equipa tornou-se um escape para jovens talentosos interessados em futebol, alguns dos quais podiam de outra forma estar envolvidos no crime. Duas décadas atrás, a equipa subiu para o topo da liga de futebol do Quênia, nutrendo talento e dando esperança a uma nova geração de jogadores.

Quando Eric Juma tinha 11 anos de idade, assistiu à equipa a treinar perto da sua casa. Isso chamou a atenção de Juma porque parecia organizado. Ele juntar-se-ia à equipa em breve. Agora tem 25 anos de idade e é o capitão da equipa.

Kariobangi é assolada por desemprego e crime, e Juma disse que muitos dos seus amigos de infância acabaram por entrar em gangues. Os Tubarões colocaram Juma do lado correcto da lei, mas ser uma equipa de um bairro pobre trouxe os seus próprios desafios, apontou.

“Nós nunca tínhamos dinheiro naquele tempo”, disse. “Costumávamos ir para Mombaça e Kisumu todas aquelas vezes. Nem tínhamos dinheiro para comprar água mineral, por isso, costumávamos carregar água de Nairobi para Mombaça”, disse Juma. “Esses são alguns dos desafios que enfrentamos como equipa e como jogadores individualmente; às vezes, não tínhamos chuteiras, tínhamos de pedir emprestado a um outro jogador quando este não estivesse a jogar”.

Em 2019, Juma teve um dos seus melhores dias, quando os Tubarões derrotaram a equipa de futebol da Inglaterra, Everton, ganhando por 4-3 nas grandes penalidades.

Não se sabe ao certo quem organizou os jovens que fundaram os Tubarões de Kariobangi. Os residentes dizem que os jogadores organizaram-se entre si e depois receberam doações e começaram a competir em torneios. Tais doações vieram de simpatizantes, incluindo o Presidente da Federação de Futebol do Quênia, Nick Mwendwa, que recebe o crédito de ser o fundador do clube.

Os Tubarões ganharam uma base de apoiantes no Quênia, ao competir na Primeira Liga do Quênia com mais do que duas outras dezenas de equipas. O clube de futebol tem uma equipa de jovens para rapazes com idades inferiores a 20 e equipas para idades menores.

O sonho de Juma é de levar a sua equipa a jogar na Copa de África.



Os Tubarões de Kariobangi defendem a cobrança de um pontapé livre durante um jogo em Nairobi.

AFP/GETTY IMAGES

Lutadores Combatem pela Paz no Devastado Sudão do Sul

REUTERS

O lutador sul-sudanês, Kur Bol Jok, apresentou-se na arena, levantou o peito e encarou o seu oponente, preparando-se para a luta.

A luta livre é muito popular na nação mais jovem do mundo, que foi devastada por cinco anos de guerra civil. Os atletas dizem que é uma das poucas saídas em que grupos étnicos que lutaram um contra o outro podem envolver-se em competição amigável.

“A luta livre traz paz, na medida em que pessoas diferentes provenientes de lugares diferentes reúnem-se para criar amizades”, disse Jok antes do confronto. “Ganhar traz alegria, e perder é normal porque não é uma luta verdadeira”.

Os confrontos atraem grandes multidões de todo o país. Alguns ocorriam durante o conflito.

Alguns lutadores esfregam cinza branca na cara e no peito. Tecidos de desenhos de animais reluzentes, cortados em fitas, abanam sobre os seus calções.

Jok, vestido de uma roupa estampada de leopardo, esticou-se

enquanto empurrava o oponente, Mar Jalot, antes de o virar e lançar para a areia vermelha e colocar a sua mão sobre o peito de Jalot para significar a vitória. Não há ressentimentos.

“Viemos para aqui pela paz, com todas as tribos reunidas para testemunhar o jogo”, disse Jalot, cuja roupa estava com coloração



Ladu Makur ataca Machiek Chok numa luta para a paz durante o campeonato nacional em Juba, Sudão do Sul. REUTERS

estampada de vaca.

A atmosfera de carnaval, em que os lutadores dançam para celebrar as suas vitórias, e as mulheres cantam os nomes dos vencedores, é um descanso dos problemas da vida.

A nação da África Ocidental produtora de petróleo ficou independente do seu vizinho Sudão, em 2011, depois de décadas de uma guerra de terra queimada. Dois anos depois, a guerra civil eclodiu e dizimou aproximadamente 400.000 pessoas antes de as partes terem assinado um acordo de paz, em 2018. No dia 22 de Fevereiro de 2020, o presidente e antigo líder rebelde formou o há muito esperado governo de unidade.

O desporto é uma das poucas distrações numa nação com poucas estradas, pouca electricidade e onde muitas escolas não funcionam. O mais importante é que o desporto une os jovens divididos pela guerra, disse o coordenador da luta livre, Limor Joseph.

“São... os jogos que os unem”, disse ele.

FESTIVAL DA RDC CELEBRA A VIDA E A PAZ

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

Num campo no centro de Goma, na parte oriental da República Democrática do Congo, 36.000 pessoas tiveram a oportunidade de esquecer os medos sobre a insegurança e gozar de actuações musicais de alta qualidade no Festival Amani.

O festival, assim chamado por causa da palavra Swahili para paz, é um tempo raro em que grandes multidões de pessoas se reúnem num único lugar nesta região. Goma é a maior cidade numa área onde já se viu um aumento de violência. Ataques do grupo rebelde das Forças Aliadas Democráticas e tentativas do exército para os remover levaram a centenas de mortes de civis.

O evento de três dias começou com a actuação de um requiem, ou oração para os mortos, baseado no Requiem do Mozart, mas dada uma interpretação congoleza através



THE ASSOCIATED PRESS

de intérpretes locais.

Os vivos também foram lembrados. “Reunimo-nos para mostrar ao mundo que a vida ainda existia”, disse o organizador, Guillaume Bisimwa, “para que saibamos de que estamos cientes que o futuro depende de todos nós e que devemos trabalhar juntos para construí-lo”.

Uma vez que o festival estava a promover a paz na região, também contou com

artistas tradicionais do Ruanda, que fica do outro lado da fronteira. Uma companhia veio para apresentar a dança Intore, que é apresentada em celebrações de família e em grandes eventos nacionais.

O primeiro festival foi em 2014. O evento de 2020 foi o quinto. Incluía 75 stands para negócios e organizações não-governamentais, 810 voluntários de 13 nacionalidades e 35 grupos de músicos e dançarinos.

O Secretário-Geral das Nações Unidas apela para um CESSAR- FOGO em Meio ao Surto de COVID-19

EQUIPA DA ADF

O Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, insta as partes beligerantes de todo o mundo a baixarem as suas armas em apoio a uma batalha maior contra a COVID-19, a qual chamou de inimigo comum que está a ameaçar toda a humanidade.

“A fúria do vírus ilustra a loucura da guerra”, disse. “É tempo de colocar os conflitos armados em lockdown e focalizarmos juntos no verdadeiro combate das nossas vidas.”

Guterres destacou que os povos marginalizados sofrem mais durante a guerra e estão mais expostos ao risco de contraírem a doença. Estes incluem refugiados, mulheres, crianças e pessoas portadoras de deficiências físicas. Ele disse que os sistemas de saúde em países devastados pela guerra foram dizimados, e a capacidade limitada disponível deve ser usada para lutar contra o coronavírus. “Silenciem as armas, parem a artilharia e ataques aéreos”, disse ele.

Guterres também pediu que se criassem corredores para permitir que os colaboradores e actores de ajuda humanitária

bem como médicos entrem nas áreas afligidas pela doença.

Apesar destas esperanças de grupos beligerantes baixarem as armas em resposta ao vírus, evidências iniciais indicaram que o oposto pode acontecer. Em Março de 2020, grupos extremistas em Moçambique, Mali e Somália, lançaram ataques devastadores.

O Gen. Stephen Townsend, comandante do Comando Africano dos Estados Unidos disse que existem indicações de que os grupos extremistas procurarão tirar vantagens da necessidade de alguns países de desviar recursos da segurança para o uso na luta contra o vírus.

“Apesar de podermos desejar parar as nossas operações na Somália por causa do coronavírus, os líderes da al-Qaida, al-Shabaab e Estado Islâmico anunciaram que vêm esta crise como uma oportunidade para reforçar a sua agenda terrorista”, disse Townsend, “então, continuaremos firmes com e a apoiar os nossos parceiros africanos.”

Pessoas enterram um homem suspeito de ter morrido de COVID-19 no distrito de Medina, fora de Mogadíscio, na Somália. REUTERS





Gabão Posiciona-se Contra o **COMÉRCIO DE PANGOLIM**

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Gabão interdita a venda e o consumo de pangolins e morcegos que se suspeita serem as fontes do surto de COVID-19 na China.

Escamas secas de pangolim na mostra, num mercado da Nigéria

Os pangolins estão em grande risco de extinção e já há muito tempo têm sido protegidos, mas são vendidos nos mercados da capital Libreville onde a sua carne é muito popular. Há muito que têm sido contrabandeados para China, onde são altamente apreciados na medicina tradicional.

A nação do centro de África é 88% coberta de florestas, com a caça e o consumo da carne de caça a serem um estilo de vida que vem do passado.

O Ministério das Águas e Florestas disse que estudos indicam que a COVID-19 foi uma “combinação de dois vírus diferentes — um semelhante aos morcegos e outro semelhante aos pangolins.”

As autoridades do Gabão disseram que a decisão segue outras restrições tomadas durante os surtos passados. “Uma decisão semelhante foi tomada pelas autoridades quando o nosso país foi afectado pelo vírus do Ébola — com a proibição da ingestão de primatas”, disse o Ministro das Florestas, Lee White.

A agência nacional de parques anunciou, em meados de Março, que os turistas não podiam mais ser autorizados a interagir com macacos grandes para evitar quaisquer riscos de contaminação pela COVID-19.

Acredita-se que o pangolim, o mamífero mais traficada do mundo, também chamado de comedor de formigas escamoso, tenha sido possivelmente um vector na transmissão da COVID-19 a partir do animal para o ser humano num mercado de Wuhan, na China, em 2019.

As suas escamas chegam a atingir um alto preço no mercado negro porque são geralmente utilizadas na medicina tradicional chinesa embora cientistas insistam que elas não têm qualquer valor terapêutico.

UGANDA INAUGURA **SISTEMA DIGITAL DE REGISTO DA TERRA**

EQUIPA DA ADF

O governo do Uganda lançou um sistema de registo de terras para reduzir a fraude e disputas de direitos da terra. O sistema começou a operar em 2010 e está presente em todas as 22 repartições ministeriais regionais do país. O programa é uma parceria entre o Ministério de Terras, Habitação e Desenvolvimento Urbano do Uganda e a empresa francesa IGN FI. A iniciativa é financiada por um empréstimo do Banco Mundial.

“Vimos uma redução em dez vezes no tempo que leva para realizar transacções”, Christophe Dekeyne, PCA da IGN FI, disse à Radio France Internationale. Todos os dados registados no NLIS [Sistema Nacional de Informação de Terras] estavam sujeito a minuciosos processos de verificação e examinação para minimizar o registo de títulos fraudulentos.

Os novos títulos de terra criados pelo sistema têm códigos de barras que dificultam a viciação de assinaturas.

Outros países estão interessados em seguir o exemplo do Uganda. Numa conferência de Fevereiro de 2020, representantes de 30 países viajaram para Uganda para debater questões ligadas aos direitos da terra. O orador e especialista em direitos da terra, Frank Byamugisha, disse que modernizar a documentação de propriedade da terra em todo o continente fará com que haja mais empreendedorismo e desenvolvimento, e isso ajudará no crescimento das economias.

“A pobreza extrema pode ser eliminada de África dada a abundância das suas terras e da promissora mão-de-obra”, disse Byamugisha, de acordo com o site ugandês ChimpReports.com. “A África Subsaariana possui metade da terra arável do mundo, mais de 200 milhões de hectares.”

Especialistas acreditam que o sistema de registo digital já está a trazer benefícios para o Uganda. O tempo necessário para produzir um título de terra foi reduzido de 52 para 10 dias, disse Dorcas Okalany, secretária permanente do Ministério de Terras do Uganda. Ela acrescentou que o projecto começou com um empréstimo do Banco Mundial de 72 milhões de dólares e, na conclusão do projecto, o país já tinha um retorno de 269% sobre o investimento inicial.

“O armazenamento seguro dos registos e a poupança do espaço... levaram a maior segurança dos registos através da redução das possibilidades de manipulação e eliminação do sistema manual e problemas associados, criando transacções mais eficientes e eficazes de terra”, disse Okalany, de acordo com o jornal East African Business Week.

Trânsito na Rua de Hoima em Kampala, Uganda. REUTERS





AFP/GETTY IMAGES

UGANDA

EMPREGA O EXÉRCITO PARA LUTAR CONTRA GAFANHOTOS

EQUIPA DA ADF

Quando os gafanhotos se alastraram para a África Oriental, em Fevereiro de 2020, o Uganda destacou 2.000 soldados para lutarem contra a peste.

As tropas do Uganda utilizaram pesticidas em terra enquanto as autoridades procuravam garantir helicópteros para pulverização aérea. Contudo, o Maj. Gen. Sam Kavuma, comandante-adjunto das forças terrestres nas Forças de Defesa Popular do Uganda, disse que os gafanhotos podem escapar de tais esforços.

“Um desafio, que está a ser resolvido, é apoio aéreo para os pulverizar”, disse Kavuma à Voz da América. “Nós lidamos muito com aqueles que estão em terra. E quando os matamos, ou durante a pulverização, eles saltam e vão para o topo das árvores onde as nossas bombas não conseguem alcançar”.

O Uganda é uma das oito nações da África Oriental que enfrenta a redução de rendimento agrícola causada pelas infestações de gafanhotos. Os outros países são Djibouti, Eritreia, Etiópia, Quênia, Somália, Sudão do Sul e Tanzânia.

Etiópia, Quênia e Somália foram os mais atingidos pela peste que devora a colheita.

Em Abril, outra praga de gafanhotos — mais jovem e mais agressiva — tinha atingido a África Oriental. As Nações Unidas estimaram que uma segunda praga pode ser 20 vezes maior do que a primeira e pode tornar-se 400 vezes maior no início da época chuvosa em Junho, altura



Pragas de gafanhotos pousam e alimentam-se nas árvores de Carité, que são uma grande fonte de alimentos e rendimentos para os camponeses em Otuke, Uganda. AFP/GETTY IMAGES

do início da colheita.

Em meio a infestação, organizações de ajuda esforçaram-se para garantir que produtos alimentares suficientes fossem distribuídos nas zonas rurais.

“Em alguns países onde estas políticas ou onde estas medidas estão a começar a ser tidas em conta, já houve limitações de acesso humanitário”, Steven Burak da ACTED, um grupo de ajuda humanitária, disse à Voz da América.

“Esta é a tempestade perfeita”, salientou. “O que vemos, à medida que estas chuvas longas estão para começar nos próximos meses em todo o Corno de África, é que este é o tempo ideal para haver um aumento dos gafanhotos do deserto. Agora, enquanto o aumento ocorre, também temos as colheitas. Então, no momento em que as colheitas estão a ser preparadas, veremos que elas ficarão muito afectadas pelo número de gafanhotos num enxame nessa altura”.



UMA NOVA FORÇA-TAREFA

GANHA FORMA NO SAHEL

EQUIPA DA ADF

A França e vários dos seus aliados anunciaram a formação da nova força-tarefa para combater grupos de terroristas na região do Sahel da África Ocidental. Treze países são membros da força-tarefa: Bélgica, República Checa, Dinamarca, Estônia, França, Alemanha, Mali, Holanda, Níger, Noruega, Portugal, Suécia e o Reino Unido. Uma declaração confirmou que a força-tarefa estaria operacional até princípios de 2021. Chama-se “Takuba”, que significa “saber” na língua Tuaregue.

A região do Sahel, que se expande do Este do Senegal até Eritreia, tem sido palco de um aumento crescente de violência. Em Janeiro de 2020, o enviado das Nações Unidas para a África Ocidental disse ao Conselho de Segurança da ONU que os ataques tinham aumentado cinco vezes mais em Burkina Faso, Mali e Níger, desde 2016. Mais de 4.000 mortes foram declaradas na região em 2019.

Em Burkina Faso, ataques de extremistas tinham causado a fuga de 300.000 pessoas para o sul, de acordo com a rede de televisão Al-Jazeera.

Takuba também prestará assistência aos exércitos da região na luta contra os terroristas armados e aumentará os esforços feitos pela Operação Barkhane da França e a Força Conjunta G5 regional do Sahel, que é composta por tropas de Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger.

Takuba irá operar na região de Liptako, uma área que se encontra entre Burkina Faso, Níger e Mali. Liptako é uma fortaleza para guerrilheiros ligados à al-Qaida e ao Estado Islâmico.

Os planos franceses para a força-tarefa foram declarados primeiramente em Outubro de 2019. Nesse mês, pelo menos 25 soldados malianos foram mortos e dezenas desapareceram depois de ataques em dois acampamentos militares próximos da fronteira de Burkina Faso, levados a cabo por militantes com armamento pesado montado em viaturas. Os insurgentes também roubaram uma grande quantidade de armamento, munições e equipamento antes de as forças especiais, com o apoio dos aviões de guerra e helicópteros franceses, responderem aos ataques, declarou o The Defense Post.

Dias depois, três aldeias e uma unidade do Exército foram atacadas no norte de Burkina Faso. Os insurgentes mataram 17 pessoas, incluindo soldados.

Soldados de Burkina Faso participam num ataque simulado durante o Exercício Flintlock, financiado pelos EUA em Ouagadougou, Burkina Faso. REUTERS

NIGÉRIA

MATA LÍDERES DO BOKO HARAM NUM ATAQUE AÉREO

EQUIPA DA ADF

A Força Aérea Nigeriana (NAF) matou vários comandantes principais do Boko Haram durante ataques aéreos em povoados próximos do Lago Chade.

“O ataque aéreo foi executado com base num relatório impecável da inteligência”, disse o Brigadeiro-General Bernard Onyeuko, director-interino das Operações de Media da Defesa, da operação de 18 de Março de 2020. Onyeuko acrescentou que os relatórios mostravam que esses principais “comandantes assim como os seus guerrilheiros e bombistas suicidas indicados tinham reunido no local para orquestrar ataques coordenados” do Boko Haram.

Os ataques faziam parte da Operação Decisive Edge, uma missão para destruir fortalezas utilizadas pelo grupo extremista. Os ataques aéreos, organizados através da Força-Tarefa Aérea da Operação Nigeriana Lafiya Dole, esmagaram os enclaves do Boko Haram na parte nordeste do país. No dia 6 de Março, aviões de guerra da NAF mataram dezenas de terroristas em Bula Korege à beira da Floresta de Sambisa, no Estado de Borno.

“Os caças da NAF revezaram-se ao atacar a zona-alvo, neutralizando muitos TBHs [Terroristas do Boko Haram] e destruíram as suas estruturas em passadas sucessivas”, disse o Comodoro Ibikunle Daramola, de acordo com o jornal nigeriano *The Guardian*.

“Depois da primeira onda de ataques, os terroristas juntaram-se numa outra parte do povoado onde foram perseguidos e aniquilados”, acrescentou.

No dia 9 de Março, ataques aéreos desmantelaram as instalações logísticas do Boko Haram, em Bukar Meram. No dia 11 de Março, caças e um helicóptero de combate forneceram apoio aéreo a tropas terrestres em Gubio que estavam a perseguir e, por fim, destruíram um camião armado do Boko Haram assim como guerrilheiros que estavam a recuar, reportou o *the Vanguard*.

Daramola disse que os ataques aéreos do Decisive Edge visavam “moldar o campo de batalha” para futuras operações terrestres e aéreas.



FORÇA AÉREA NIGERIANA

PAÍSES COOPERAM PARA SALVAR RINOCERONTES



THE ASSOCIATED PRESS

VOZ DA AMÉRICA

O oficiais dos Parques Nacionais da África do Sul dizem que a cooperação com o vizinho Moçambique foi fundamental para reduzir a caça furtiva do rinoceronte no famoso Parque Nacional Kruger. O Kruger abriga a maior população de rinocerontes selvagens do mundo e já provou ser um alvo tentador para os caçadores furtivos que, durante anos, saltaram as fronteiras do parque.

Fiscais sul-africanos, suas contrapartes moçambicanas e empresários privados, que arrendam a terra do governo de Moçambique, reuniram-se com jornalistas ao longo da fronteira entre os dois países, durante uma excursão para os órgãos de comunicação social, organizada pelo parque para a região de

foram mortos no parque.

Policiar o Parque Nacional Kruger, uma das maiores reservas de caça com 9.500 quilômetros quadrados, não é fácil. Os fiscais utilizam helicópteros para além de um sofisticado equipamento de vigilância. Um outro desafio para as autoridades é que não existe acordo de extradição entre África do Sul e Moçambique.

Estima-se que existam 8.600 rinocerontes selvagens no Parque Nacional Kruger, uma parte fundamental da observação da vida selvagem que atrai aproximadamente um milhão de turistas por ano. Oficiais de ambos os lados da fronteira acreditam que, com uma maior cooperação, esses números continuarão a crescer.

Marula do Norte, no Kruger.

Esta zona já foi vítima de muita caça furtiva do rinoceronte proveniente de Moçambique, mas os fiscais dizem que agora vêem uma tendência positiva.

“Entre 2018 e 2019, esta zona teve um declínio de 53% nas incursões dos caçadores furtivos de rinocerontes e perdemos 47% menos rinocerontes”, disse Steven Whitfield, fiscal regional de Marula do Norte. “Esse é um ganho significativo. E isso não foi uma coincidência”.

Os caçadores furtivos há muito que procuraram os rinocerontes africanos para retirarem os seus chifres, que chegam a custar 60.000 dólares por quilograma no mercado asiático.

As patrulhas melhoradas, a tecnologia e a cooperação transfronteiriça estão a ajudar a reverter a caça furtiva desenfreada que, em 2014, atingiu o seu pico, quando aproximadamente 830 rinocerontes

Países do Centro de África Apresentam a Nota ‘Eco’

VOZ DA AMÉRICA

Os debates quanto ao futuro do franco CFA na Comunidade Económica e Monetária da África Central (CEMAC), composta por seis países, intensificaram-se depois do anúncio de que oito países africanos concordaram em mudar o nome da sua moeda comum para “eco”. Eles também cortaram as ligações do franco CFA com a França.

O franco CFA utilizado pelos Estados da África Ocidental e Central é considerada, por muitos, como sendo uma interferência francesa nas suas antigas colónias africanas.

Louis Nsonkeng, pesquisador e professor de economia na Universidade de Bamenda, nos Camarões, disse que quando eco se tornar em moeda corrente, os oito Estados da África Ocidental terão a sua liberdade financeira em relação à França. Ele diz que os seis Estados da

África Central, que também utilizam o franco CFA, deviam imediatamente seguir o exemplo da África Ocidental.

Camarões, República Centro-Africana, Chade, Guiné-Equatorial, Gabão e República do Congo utilizam o franco CFA. Os Estados-membros da CEMAC têm mais de 50% das suas reservas financeiras guardadas no tesouro francês, depois da assinatura de acordos em 1948.

Thomas Babissakana, um economista e especialista financeiro camaronês, disse que tais acordos drenam as economias dos Estados da África Ocidental, porque a França agora utiliza o Euro, mas mesmo assim ainda controla a sua moeda.

O franco CFA esteve vinculado ao franco francês até 1999, quando o seu valor foi afixado em 660 francos CFA para um euro.





Quênia Lança Campanha para Prevenir HPV

VOZ DA AMÉRICA

A Organização Mundial de Saúde diz que a África Oriental tem a mais elevada taxa de cancro do colo do útero no mundo. Quênia lançou uma vacinação massiva de raparigas contra o vírus do papiloma humano (HPV), que pode levar ao cancro do colo do útero.

A vacina está a ser bem recebida pelos pacientes de HPV, que esperam que os seus filhos estarão melhor protegidos do que eles.

Jacinta Agunja, de 30 anos de idade, testou positivo em 2016 para um dos HPV's que provoca o cancro do colo do útero. Depois de dois anos de tratamento intensivo e caro, ela ficou livre de HPV e não teve cancro.

Agunja espera que a vacinação massiva de raparigas, lançada nos finais de 2019, venha a impedir que a sua filha de 10 anos de idade também tenha o vírus.

O Quênia está a oferecer a vacina de HPV gratuita a raparigas de 10 anos de idade como parte do programa de imunização rotineira do país.

Pelo menos sete mulheres morrem diariamente no Quênia, vítimas do cancro do colo do útero, de acordo com o Ministério de Saúde. O ministério diz que a vacina pode reduzir a taxa do cancro do colo do útero em até 70%.

Pelo menos 115 países fizeram a rotina da vacina contra HPV, incluindo alguns na África Oriental. O Ruanda introduziu pela primeira vez a vacina em 2006, seguida por Uganda em 2015 e Tanzânia em 2018.

AFRICANOS ABRAÇAM O VEGANISMO

VOZ DA AMÉRICA

A carne pode estar a encontrar o seu desafio, à medida que muitos sul-africanos estão a experimentar um estilo de vida vegetariano e vegano.

Veganismo, que implica retirar toda a carne e todos os produtos derivados de animais da dieta, tais como produtos lácteos, ovos e mel, está a crescer lentamente a nível global. O relatório do Google Trends coloca a África do Sul no 14º lugar a nível mundial nas buscas por “vegano”; a única nação africana a ter uma classificação tão elevada.

Outros países africanos, incluindo Nigéria e Quênia, também demonstram ter um interesse crescente no veganismo. Uma comunidade de 200 membros em Nairobi é totalmente vegana, reporta a Deutsche Welle (DW).

Yvonne Iyoha, da Nigéria, fundou o blog Eat Right Naija, depois de ter aprendido sobre os impactos sociais e ambientais do consumo da carne. Aquela página da internet focaliza-se na produção de receitas nigerianas saudáveis e veganas e em educar as pessoas sobre os benefícios de consumo de alimentos baseados em vegetais.

Embora não exista uma contagem oficial de quantos veganos existem na África do Sul, o interesse levou ao surgimento de restaurantes vegetarianos e veganos em Joanesburgo, o centro económico da nação. Em 2020, a primeira exposição vegana em grande escala e baseada em vegetais em África terá lugar na Cidade do Cabo.

Motivos ligados à moral e à saúde foram citados por muitos novos veganos, como o consultor financeiro de 41 anos de idade, Dayalan Nayagar, que fez a mudança em 2019, depois de ser um omnívoro por toda a vida.

“Foi-me apresentada esta maneira totalmente nova de comer, sabe, comida saudável, orgânica, e eu não conseguia acreditar”, concluiu.



Uma mulher serve-se num restaurante chamado Veggie Victory, na Nigéria. REUTERS

Quênia Experimenta Chás Artesanais

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Numa fábrica com um zumbido nos planaltos de Quênia, o chá é colhido dos campos à mão, curado e triturado em folhas finas que já saciaram consumidores de Londres a Lahore durante várias gerações.

Mas o valioso chá preto do Quênia não custa mais aquilo que custava antes, obrigando os principais fornecedores da bebida mais famosa do mundo a tentarem algo novo. Nas colinas bucólicas à volta de Nyeri, colaboradores da fábrica experimentam uma gama de chás artesanais, desviando-se de décadas de tradição na busca de novos clientes e protegendo-se contra a instabilidade dos preços.

À semelhança do que acontece com a maior parte dos produtores do Quênia, eles têm estado a produzir da mesma forma durante décadas — o método de esmagar, quebrar e enrolar (CTC), gerando folhas ultra-finas bem prontas para saquetas de chá no mundo inteiro. Agora, em Gitugi, numa fábrica na cordilheira de Aberdare, os produtores estão a experimentar uma variedade de folha inteira e de processamento lento, apreciada pelos seus tons e aparência complexos.

O risco era necessário: os preços de um CTC robusto num leilão baixaram 21%, entre 2018 e 2019, sublinhando a urgência de diversificar e extrair mais de cada planta de chá.

O mercado em mudanças pode abrir as portas para mercados onde infusões e chás personalizados à base de folha inteira são recompensados com preços mais elevados, disse Grace Mogambi, da Agência para o Desenvolvimento do Chá do Quênia. A agência representa 650.000 pequenos agricultores, vendendo e promovendo o seu chá.

Um trabalhador agrícola colhe folhas de chá no Quênia.

AFP/GETTY IMAGES

África Oferece Maiores Lucros de Investimento

VOZ DA AMÉRICA

As empresas britânicas fizeram maiores lucros investindo em África do que em qualquer outra parte do mundo, de acordo com um relatório internacional.

O Overseas Development Institute insta as empresas a procurarem lucros no continente, em vez de o verem como um lugar para fazer trabalho de caridade. O instituto diz que com 1,2 biliões de pessoas e oito das 15 mais rápidas economias no mundo em termos de crescimento, a África oferece lucros sobre o investimento sem comparação.

O relatório olha para os investimentos feitos pelas empresas de Gana, Quênia, Níger e África do Sul. Os autores deste relatório dizem que a “população jovem, a classe média e o crescimento industrial planificado faz com que o continente seja um ótimo lugar para se fazerem negócios”.



Um trabalhador do sector de petróleo numa plataforma petrolífera no alto-mar, próximo de Takoradi, Gana REUTERS

Em 2019, a taxa de retorno sobre todo o investimento directo estrangeiro interno nos países africanos em vias de desenvolvimento foi de 6,5%, mais elevada em relação às taxas de países em vias de desenvolvimento na América Latina ou nas Caraíbas, que é de 6,2%, e também mais elevada do que os 6% de retorno das economias desenvolvidas.

Dados do International Trade Center mostram que a França e a Alemanha exportam mais do que o dobro do valor de bens para África do que a Grã-Bretanha. As empresas britânicas acreditam que têm uma vantagem em relação aos seus rivais no campo da tecnologia.

O secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento, Mukhisa Kituyi, disse que as nações africanas precisam de trabalhar mais arduamente para poder atrair investimentos.

“Precisamos de desenvolver este recurso humano como uma contribuição para a economia do mundo, precisamos de criar condições para que África seja a próxima fábrica do mundo”, disse Kituyi.

Mulheres Etíopes

Encontram Oportunidade na Energia Verde

BANCO MUNDIAL

Fazendo o uso do vasto potencial energético, tal como solar, eólico e geotérmico assim como uma rede quase 100% fornecida por recursos renováveis, a Etiópia está a levar a cabo um processo ambicioso para alcançar acesso universal a energia até 2025.

Na verdade, a Etiópia não está apenas a emergir como um modelo para o desenvolvimento da energia na África Subsaariana, mas está também a fazê-lo enquanto lidera inovações na área de igualdade do género.

Em 2018, a Ethiopian Electric Utility decidiu garantir que as mulheres estejam bem representadas naquele que tem sido um sector esmagadoramente dominado por homens. Em 2020, as mulheres representavam 20% da mão-de-obra daquele serviço. A empresa quer que este número alcance os 30% dentro de cinco anos e tem uma visão de alcançar a igualdade de género em toda a instituição.

“As mulheres perfazem 50% da sociedade”, disse Ato Shiferaw Telila, o PCA da empresa. “Para que a nossa empresa seja eficaz no seu objectivo corporativo, precisamos de criar um ambiente capacitador tanto para homens como para mulheres”.

A empresa alocou 4,5 milhões de dólares para fechar as lacunas do género e para o envolvimento dos cidadãos. A sua abordagem começou com o desenvolvimento de um portefólio de futuros colaboradores. Assinou uma parceria única com o Ministério da Ciência e Ensino Superior e 12 universidades etíopes para fornecer cursos na área de ciências, tecnologia, engenharia e matemática a fim de ajudar as colaboradoras do sexo feminino a igualarem aos funcionários do sexo masculino, no que diz respeito à educação para que possam progredir nas suas carreiras no sector de energia.

A empresa agora está a dar bolsas completas para colaboradoras do sexo feminino para fazerem o grau de mestrado ou tirarem uma formação técnica. O trabalho irá também investigar impedimentos — tais como

ambientes hostis de estudo para as mulheres e redes profissionais limitadas — para navegar nesta transição escola-trabalho.

Uma estudante de engenharia, Dagmawit Alemayehu, disse que as portas de oportunidades estão a abrir-se apesar das circunstâncias difíceis. “Tenho de trabalhar muito mais porque, como mulher, a primeira coisa que vêm quando olham para mim é: ela não devia estar aqui”, disse Dagmawit. “Mas agora existem bolsas para mulheres e alguns cursos são fornecidos gratuitamente para mulheres. Sinto que as coisas estão a melhorar”.

A empresa também desenvolveu formações na área de liderança para as suas funcionárias com vista a garantir que as mulheres não fiquem paradas nos cargos juniores. Também decidiu tornar o seu ambiente de trabalho mais seguro para colaboradores do sexo masculino e do sexo feminino, desenvolvendo uma política contra a violência baseada no género e um código de conduta que deixa bem claro que o assédio sexual não é aceite.

Camelos passam próximo do parque eólico de Ashegoda, na Etiópia, a segunda mais extensa da África Subsaariana. AFP/GETTY IMAGES



O Sultão de DAMAGARAM

EQUIPA DA ADF

O Sultanato de Damagaram nunca chegou a ser um dos maiores impérios de África. No lugar que agora é conhecido como Níger, no seu ponto mais extenso, ocupava cerca de 70.000 quilómetros quadrados — quase do mesmo tamanho que a Serra Leoa dos dias de hoje.

Mas, como centro comercial, não tinha concorrência na região durante o seu tempo. Era o pólo de uma rota de comércio que se alastrava desde a actual zona costeira da Líbia, no norte, descendo até à actual Nigéria, no sul. Os seus sultões, num total de 26, reinaram por 200 anos até aos princípios do Século XX. Na sua parte central encontrava-se a capital, Zinder, onde vestígios do império existem até hoje.

A dinastia começou no declínio do Império Kanem-Bornu, que tinha sido assolado pela fome, entre outros problemas. Até finais do Século XVIII, o reinado de Bornu ficava limitado às regiões de Hausa, que é hoje a Nigéria. Os Hausas, que são hoje o maior grupo étnico da África Subsaariana, adaptaram-se às circunstâncias, convertendo-se ao Islão e tornando-se comerciantes e artesãos.

Aristocratas muçulmanos fundaram o Império Damagaram, em 1731. Começou como um Estado vassalo, semelhante ao sistema feudal na Europa naquela altura, com os cidadãos a dever serviço e apoio militar aos aristocratas em troca de uso da terra para agricultura e criação de animais. O império expandiu-se rapidamente, conquistando outros Estados vassalos na região — num total de 18 até ao Século XIX.

Zinder começou como uma pequena aldeia tribal Hausa, mas estava idealmente localizada para servir como um pólo para o comércio trans-Saariano. O sultão mudou a capital para lá, em 1736. O império estava no caminho da maior rota comercial desde Trípoli, Líbia, até ao sultanato de Kano, na actual Nigéria. Sendo assim, o império era fundamental para a saúde económica de toda a região.



Também estava envolvido no comércio Este-Oeste. Quase todo o comércio passava por Zinder.

Até 1850, o sultão vivia num palácio em Zinder. Um viajante europeu dessa altura escreveu que o sultão tinha 300 esposas, juntamente com inúmeros filhos. No final do século, dizia-se que o sultão tinha 5.000 soldados a cavalo na sua cavalaria, juntamente com 30.000 soldados da infantaria. Ele tinha dezenas de canhões, todos eles feitos em Zinder.

Até 1890, os franceses tinham expandido para o sultanato, partindo da sua base no Senegal. Em Dezembro de 1897, uma missão francesa de 37 homens liderada pelo Capitão Marius-Gabriel Cazemajou foi para a corte de Damagaram. Quando ficou claro que os franceses queriam assumir o controlo da região, Cazemajou foi assassinado. A missão recuou e foi substituída por forças armadas.

Uma coluna armada atacou Zinder, no dia 13 de Setembro de 1899, matando o sultão Amadou Kouran Daga e colocando um fim ao império. Contudo, os franceses, na essência, ignoraram Zinder e a região ao seu redor, e mais tarde outros sultões continuaram a ter algum poder.

A corrente de sultões sobrevive até hoje, em grande medida, como um cargo cerimonial. O sultão continua a viver num palácio construído há 170 anos.

O palácio é a maior atracção turística da cidade. Com os seus muros de 10 metros de altura e 10 metros de espessura, é uma estrutura imponente, mas nunca foi atacada e as suas defesas nunca foram testadas. O emblema do sultão, uma espada e duas lanças cruzadas por trás de um escudo, é exibido acima do portão do palácio.



DICAS

- 1** Esta cidade foi desenvolvida entre os Séculos XV e XVI com o estabelecimento do Sultanato de Air.
- 2** O centro desta cidade, que está dividido em 11 secções irregulares, foi um ponto importante de cruzamento de caravanas de comerciantes.
- 3** Um minarete de 27 metros feito de blocos de lama, a mais alta estrutura do seu tipo na face da terra, destaca-se acima da cidade.
- 4** A cidade é considerada um centro da cultura para o povo Tuaregue.

PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A *Africa Defense Forum (ADF)* é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na *ADF* e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA *ADF*

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a *ADF* irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a *ADF*, você concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da *ADF* através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie um e-mail para um dos seguintes endereços:

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany



Notícias Directamente para Si!

Enviamos notícias confiáveis sobre segurança directamente para o seu telemóvel. Envie uma mensagem de texto com a palavra "notícias" para +4917610407820 e diga-nos qual é a sua língua preferida (Inglês, Francês, Árabe ou Português), e receba diariamente cobertura jornalística das mais recentes tendências e tópicos sobre segurança de toda a África.



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a *ADF* no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de emails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, ADF-Magazine.com, ou enviando um email para News@ADF-Magazine.com.

